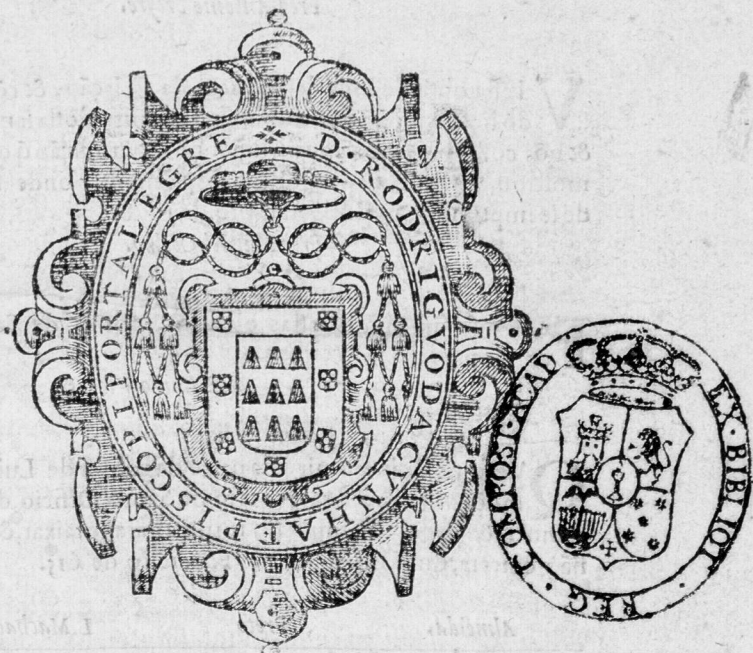


R I M A S  
DE LVIS DE CAMOËS  
SEGUNDA PARTE.

*Agora nouamente impressas com duas Comedias do Autor.*  
Com dous Epitafios feitos a sua Sepultura, que mandarão fazer  
Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gon-  
çaluez da Camara.

*E hum Prologo em que conta a vida do Author.*  
Dedicado ao Illustrissimo, & Reuerendissimo senhor D. Rodrigo d'Acunha  
Bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade.



*Com todas as licenças necessarias.*

EM LISBOA. Na Officina de Pedro Crasbeeck. 1616.

*A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros.*

Està taixado a tollão em papel.

*Com Privilégio Real.*

L I C E N C A S :

**V**este quaderno & o parecer dos Padres reuedores, & me parece que mudado . & riscado o que em seus lugares de minha letra aponto , tudo o mais se pode imprimir . Em Sam Domingos, 30 de Janeiro de 615.

*Frey Vicente Pereyra,*

**V**estas duas Comedias de Luis de Camoës , & não tem cousa obstante a se tornarem a imprimir , no collegio de S. Agostinho. De Lisboa a 11. de Julho de 605.

*Frey Antonio Freyre.*

**V**esta obra de Luis de Camoës da Criação , & cõposição do homem, não tem cousa algũa contra nossa sancta Fec, & bõs costumes, antes muita inuencão & erudição q̃o Author mostrou, tratando a composiçãõ do homem , onde he digna de se imprimir, aos 4. de Setembro, de 1608.

*Frey Manoel Coelho.*

**P**odemse imprimir estas oitauas , aos 9. de Setembro de 615.

*Damião Viegas.*

**Q**uese possa imprimir esta parte das obras de Luis de Camoës, vista a licença que tem do Santo Officio, de Ordinario , & depois de impressõ tornarã para se taixar, & sem isso não correrã, Em Lisboa a 12. de Feuereiro de 615.

*Almeida.*

*Preto*

*L. Machado.*

**T**aixão este liuro em 100. reis em papel. A 19. de Março de 616.

*Francisco Vaz Pinto.*

*Preto.*

DEDICADO AO ILLVSTRISS.  
E REVERENDIS. SENHOR D. RODRIGO  
d'Acunha, Bispo de Portalegre, & do Conselho  
de sua Magestade,  
D.F. D.F.




**M**OSTRAR A M sempre os grandes Principes tam bom rostro a qualquer agradecimento, que derão oufadia aos animos mais humildes, a parecerem em sua presença com algũs offercimentos, que fora desta sombra, ferião avidos por menos que nada. Ensinado eu desta experiencia, tão certa, & tão digna de seus Auçtores: & lébrado das grãdes merces, & fauores tão pios, com que V.S. foy seruido appadriñar a restauração de minha honra, & vida, que eu tinha tão perdida, & acabada, que para desesperar de todo remedio dellas, me via algũas vezes em o vltimo termo: parece me se hirião em mim accumulando as culpas de ingratidão, com igual passo aos que desse de vida, sem, polo menos, publicar pelo mundo esta obrigação, & reconhecimento: ja que para o seruir como criado, podia tão pouco. E como este pensamento procedia de tão nobre causa, não se desenydou minha ventura em me offerecer esta occasião de andar juntando estas rimas, & V.S. me fez merce de auer a maior parte certificado serem do Authot, outras me derão varias pessoas, & na mão de muitos senhores illustres achei tres Cantos da Creação do homem em oitaua rima que vão no fim deste liuro, & tendo os impresso. V. S. me affirmou não serem seus: mas como os tinha impressos por ser obra muyto boa, & com o nome do Authot a deixei hir estando esta obra começada em que me fez merce de dar ajuda de custa pera fazer esta impressão de mil & quinhentos estando V. S. mais descuidado pos os olhos a Sacra Cesarea, & Catholica sempre Augusta, & Real Magestade del Rey Felippe nosso Senhor o segundo deste nome dos Reys de Portugal, maior no poder que seus predecessores, mais poderoso no Imperio que todos os outros Monarchas de que sabemos, fez hũa eleição tam benemerita de Bispo de Portalegre, a qual foy muito bem recebido em todo este Reyno, tão proxima, & tão

conforme com este meu intento: nesta impressão dos do nosso grande Luis de Camoës, Principe da Poesia Heroycar: cõ muita erudição, & variedade de cousas curiosissimas. Artificio grande, que a verdadeira fama inuentou, para com mais facilidade diuulgar pelo mundo a honra & nome deste illustre entendimento Portuguez. Por achar nelle hum dos mais poderosos sogeitos, com que ella podia mais longe dilatar pelo mundo os extendidos limites de seu Imperio. As obras que nelles se referem, são Heroycas: a lingoagem Portuguez, o Author humilde: variedade digna de com algũa consonancia, não desagradar aos ouvidos de V.S. Pois he descendente de tão famosos Heroes: produzido das melhores plantas Portuguezas. E exercitado em levantar os animos mais humildes. Deixo outras conueniências de letras & prudencia que em V.S. em tam alto grao concorrem juntas, & em que a mais illustre fama costuma fazer mais de leytofo emprego: pois Deos tem tomado a sua conta esta empreza: quando ellas em tanto augmẽto, & pureza de sua Fè se exercitãõ, com o Catholico zelo que em o diuino tribunal do Sancto Officio em que V.S. foy Inquisidor se tem visto, & experimentado. E entre tanto nosso Senhor guarde a pessoa de V.S. em 19. de Março de 1616.

*Domingos Fernandez.*

PROLOGO AO LEITOR.

 **H**arissimo Leitor nã Primeira Parte das rimas de Luis de Camoës prometi fahira luz cõ esta Segunda Parte que offereço, em q̃ gastei sette annos em ajũtar estas Rimas por estarem espalhadas em maõs de diuersas pessoas, & ainda agora prometo pera a segũda impressãõ, porquẽ da India me tem escrito q̃ me mandaraõ muitas curiosidades, & neste Reyno ei de auer outras mais, & desta maneira se ajuntou a Primeira Parte, fazendo vir da India, & pedindo neste Reyno a senhores illustres, & outras varias pessoas curiosas: tenho cumprido minha palaura mas  
fico

fico empenhado , he necessario que os curiosos da  
lição Poetica, & estudiosos cortesões, & senhores il-  
lustres comprem este liuro. a que o peço por mer-  
ce, & se neste liuro se acharem algũas cousas q̃ não  
sejaõ de Camoës não me ponham culpa, que com  
boa fê as dei a impressãõ com muita diligencia , &  
gastando o meu dinheiro pera satisfazer , porque  
minha tenção não he outra cousa , que desejar de  
acertar, & tirãdo os olhos de mim ponhãno no q̃  
offereço. A que me pareceo ajuntar dous Prologos  
já impressos em louuor deste Poeta, hũ do Licen-  
ciado Fernão Rodriguez Lobo C,urrupta profes-  
sor prestantissimo de Leis , & insigne Aduogado  
nellas, que se imprimio com a Primeira Parte das  
Rimas a primeira vez o anno de 1595. E porque  
por descuido meu se não tornou a imprimir as  
mais que as Rimas se estamparaõ se hia já perden-  
do o beneficio que de sua liçam eruditissima resul-  
ta aos curiosos, & pode ser que seja tambem neces-  
saria a authoridade de seu Author, que nam he me-  
nor nesta profissam q̃ na outra de seu instituto pro-  
prio para defender a Luis de Camoës se para que  
lhenão falte nada de engenho grande vicrem a le-  
uantarse algũ dia contra el e, agora que he morto,  
nouve Corbillos, & Cesares Caligulas, como con-  
tra Vergilio não faltaraõ, o outro he do Licencia-  
do Pedro de Maris, que anda impresso com o co-  
mento que o Licenciado Manoel Correa fez aos  
Lusiadas deste Poeta, & todauia polla noticia que  
dà nelle de sua vida , & custumes , & porque  
nem todos teraõ ambos os liuros em que o vejaõ  
não tiue por desconuiniencia tresladallo neste.  
Folgara eu que fora viuõ o mesmo Pedro de Maris.  
para

para que com seu eloquente estylo podera acrecen-  
tar a estimação que fez do nosso Poeta, appos Dõ  
Gonçalo Coutinho primeiro principio na obra  
de sua sepultura, Martim Gonçaluez da Camara q̃  
pedindo licença ao mesmo Dom Gonçalo, lhe a-  
crecentou o Epitafio Latino que hoje se lei nella  
que aqui també tresladarei para os curiosos auzen-  
tes, & do que ganhou Luis de Camoës na deuassaõ  
& cuidado destes dous homens, & de quais elles  
sejam, naõ trato porque de hum naõ tenho licença  
& doutro estã feito dignissima memoria na vida  
do Doutor Francisco de Saa de Miranda por occa-  
siaõ de outro Epitafio que elle tambem lhe mãdou  
por na Cappella onde estã enterrado que eu impri-  
mi o anno de 614. em beneficio commum de toda  
Espanha, &c.

*Domingos Fernandez Liureiro.*

EPITAPHIVM.

**N**aso elegis Flaccus lyricis Epigrammate Marcus  
Hic iacet, Heroo carmine Virgilius  
Ense simul, calamoque auxit tibi lysia samam  
Vnam nobilitant Mars, & Apollo manum  
Castalium fontem traxit modulamine at Indo  
Et Gangi telis obstupefecit aquas  
India mirata est quando aurea carmina lucrum  
Ingenij haud gazas ex Oriente tulit  
Sic bene de patria meruit dum fulmina ense  
At plus dum calamo bellica facta refert  
Hunc Itali, Galli, Hi spani vertere poetam  
Qualibet hunc vellet terra vocare suum  
Vertere fas, aquare nefas, aequabilis vni  
Est sibi pars nemo, nemo secundus erit.

# COMEC, A A TABOADA

das Rimas Segunda Parte.

## TABOADA DOS SONETOS,

<b>A</b> Ruore cujo Pomobelo & brando.	5
Amor que da vida o no desfata.	3
Cantando estaua hum dia bem seguro.	1
Ca nesta Babilonia donde manna.	9
Correm turuas as agoas deste Rio.	10
Coitado que em algum tempo choro, & rio.	25
Doces agoas, & claras do Mondego.	3
Depois que vio si belle o corpo humano.	12
Diuerfos doês reparte o Ceo benigno.	20
Delgadas agoas claras do Mondego.	29
Dece do Ceo immenso Deos benigno.	34
Dos Ceos a terra decea mor belleza.	35
Eû cantei ja, & agora vou chorando.	2
Erros meus má fortuna amor ardente.	8
Illustre, & digno ramo dos Meneses.	13
Iulgame a gente toda por perdido.	14
Na desesperação ja repousaua.	7
O Ceo, a terra, o vento soffegado.	18
O filho de Latona esclarecido.	24
Ornou muy raro esforço ao grande Atlante.	30
O rayo de ouro fino se estendia.	4
Por sua Nimpha Cephalo deixaua.	17
Por cima destas agoas forte, & firme.	19
Presença bella, angelica figura.	33
Para se não namorar do que criou.	36
Porque a tamanhas penas se offerece.	5
Sentindose tomada a bella esposa.	6
Senhor João Lopez o meu baixo estado.	15
Senhora minha se a fortuna imiga.	38
Sempre a rezão vencida foy de amor.	32
Seguia aquelle fogo que o guiaua.	31
Tal mostra dá de si vossa figura.	31
Vosoutros que buscais repouso certo.	31

Elegia.

	Elegia.	
A Paixam.		fol.7
Ao Doutor mestre Belchior.		15
	Ode.	
Naquelle tempo brando.		17
Ia a calma nos deixou.		19
	Cançam.	
Nem roxa frol de Abril.		21
Mandame amor que cante o que a alma sente.		23
	Sextina.	
Fogeme pouco, & pouco a curta vida.		22
Petição ao Regedor.		26
	Redondilhas.	
Na fonte está Lianor.		29
Que diabo ha tão danado.		30
Vossa senhoria crea.		30
Nos liuros doutros se trata.		31
Não posso chegar ao cabo.		31
	Cantigas.	
Vi chorar hús claros olhos.		31
	Motes.	
Do la mi ventura.		32
	Vilancete pastoril.	
Deos te salue Vasco amigo.		33
Porque no mitas Giraldo.		33
Crecem Camila os abrolhos.		34
Olhos em que estão mil flores.		34
Doustormentos vejo.		35
Vida da minha alma.		35
Pastora da serra,		35
Que veré que me contente.		36
Sois fermosa tudo tendes.		36
Epistola de Luis de Camoés.		37
Cinco gallinhas & meya.		40
	Comedias.	
Emfatrioés.	Filodemo.	
Tres Cantos da Creação do homem.		
	F I M.	

# PROLOGO A OS LEYTORES.

Por o Licenciado Fernão Rodriguez  
Lobo Surrupita Auogado nesta  
Corte. Em 1595.



OMO este liuro ha de vir a mãos de muitos. E não he possível em todos ser igual a noticia das cousas, que se requerem para entendimento d'elle, não pareceo pouco acertado aduertir breuemente algũas, assi sobre o titulo & diuisão da obra, como tambem sobre o autor della: & começando pello titulo esta palavra Rhythimas, (que os Italianos . & Franceses pronunciaõ sem aspiraçoẽs) descende de *πυτῆρις*, vocabulo Grego, que quere dizer numero ou harmonia, como declara Diomedes grammatico, & Nicolao Peroto na Cornucopia no Comento do 4 Epigramma. E em ambas as significaçõs conuenem propriamente ao verso de medida Italiana, porque não fomite consiste em certo numero de syllabas, mas tambem na harmonia causada dos accentos, & consoantes, como proua Benedetto Varchi no Dialogo Herculano, na pergunta 9. Nem isto recebe duuida, porque geralmente o corpo de toda a sorte de poema se forma de numero, & harmonia, donde nasceo chamarlhe Possidonio Stoico, dicção numerosa, que consta de medida certa, como refere Laertio na vida de Zenão. Em tanto que sendo Socrates auisado por hum oraculo, se queria alçar a bemaenturança applicasse o animo à musica, entedde o que satisfazia ao intento daquelle auiso em se empregar todo em fazer versos por ser a harmonia, & numeros delles parte da mesma musica, como conta Caelio Calcag-

nino na oração que fez em louvor das Artes Donde também procedo a Etymologia deste nome, Poeta, que conforme a opinião de Eustathio seguida por Rhodagino no liuro quarto, cap. quarto, se deriu de ποιῆν, que significa ἔμμετρος que quer dizer cantar, & o mesmo nome de Musa significa canto, como afirma o mesmo Nicolao Perotto sobre o 5. Epigramma, & por isso Dante chamou a Poesia, ficção, Rhetorica posta em musica. E que o titulo de Rhythmas, conuinha a toda esta obra, mostra se também claramente por hum discurso que faz o Cardeal Petro Bembo, no liuro 2 das Profas. onde diz que as Rhythmas, ou Rimas como elle escreue) são de tres maneiras, porque ou são reguladas, ou liures, ou parte liures, parte reguladas. Reguladas se chamão aquellas que vão sempre atadas a hũa mesma regra, como são os Tercettos, de que se cre ser inuentor Dante, porque antes delle se não acham feitos por outrem. E así as oitauas que inuentarão os Sicilianos fazendo de dous consoantes até o cabo, & dipois foram reduzidas a melhor forma pellos Toscanos, acrescentandolhe terceyro consoante nos dous versos vltimos: & as Sestinas, que foram inuencão dos Prouençais, especialmente de Arnaldo Daniello. Rimas liures são aquellas que não guardam regra algũa, nem no numero dos versos, nem na correspondencia dos consoantes, como são os Madrigais, deriuados de Mãdra, palavra Toscana, por ser compolição villanesca, a q̄ respondem os nossos villancetes. Rimas parte liures, parte reguladas são as q̄ em algũas cousas vão fogge tas a regra, & noutras são isentas della, como são os Sonettos, & Canções, porq̄ os Sonettos ainda que no numero dos versos, & disposiçãmdelles, tem obrigação de seguir sempre hũa mesma regra: com tudo na correspondencia dos consoantes, não tem obrigação certa, como mostra Ringifo na sua Arte Poetica, no cap. 43. seguindo todavia a obseruação que com muito ingenio, & juizo aduertio Torquato Tasso no seu Dialogo da Poesia Toscana. E as Canções tem a mesma natureza, como aponta o mesmo Ringifo no cap. 59. & nos seguintes. E com isto temos satisfeito ao titulo.

Segue se a diuisão da obra, que vai repartida em cinco par-

tes, porque o numero quinquennario pertence particularmente a obras de Poesia, & eloquencia, o que se vê claramente, porque conforme a doutrina dos Platonicos era dedicado a Mercurio, & aos outros Deoses, que no seu rito Gentilico erão padroeiros das Artes, como escreue Rhodagino, lib. 12. c. 10. & a Mercurio tinham elles por diuidade da eloquencia, & por isso lhe confagrauão as lingoas, como refere Vincencio Cartario, no liuro das imagees dos Deoses, sobre a image de Mercurio, & sendo assi da eloquencia, ficaua tambem sendo da Poesia pella liança que entresi tem conforme a definiçam de Dante, & Possidonio. E por isso a quinta letra do Alphabeto Grego era dedicada a Apollo, como escreue Guillelmo Oniciaco no liuro dos lugares numerais cap. 5. & as Musas posto que sejaõ nove, sò a cinco dellas tocaua o ministerio da Poesia, porque a Clio se attribuia o foggeito della, presidindo a historia: a Polihymnia o ornamento da lingoagem: a Calliope o verso Heroico: a Melpomene o Tragico: a Thalia o Comico conforme ao Epigramma vulgar que anda entre os de Virgilio. Seguindo pois esta diuisão se deu a primeira parte aos Sonetos por ser composiçãõ de mais merecimento, por causa das difficuldades della, assi em não admittir nenhũa palavra ociosa, nem de pouca efficacia, como em auer de cerrar toda a materia d'elle dentro no limite de quatorze versos, fechando o vltimo Tercetio de maneira, que nam fique ao entendimento desejo de passar auante, cousa em que muitos Poetas, que andam nas alas da fama, teuerão pouca felicidade. A segunda parte se deu às Cançoës, & Odes, que respondem aos versos Lyricos, como mostra Fernando de Herrera, no seu doctissimo Commento sobre a 1. Canção de Garcilasso. A terceira, a Elegias, & Oitauas, de que não achamos que vsasse Petrarcha, mas de ambas estas composiçoës vsou felicemente Ariosto. & por ventura que soube melhor imitar na graça, & perfeiçãõ do verso Elegiaco a Tibullo, & Propertio, que são os Principes deste genero, que na maiestate do Heroico a Virgilio. A quarta a Eglogas, por ser specie de composiçam, em que se requiere menos sufficiencia, & nelle deixando Teocrito, & Virgilio, teue particular excellencia Sannazaro, como

nas Piscatorias Bernardino Rota. A quinta & vltima parte se deu as grosas & voltas, & outras composições de verso pequeno, que são proprias da nossa Espanha, em que Gregorio Syluestre se aentajou notauelmente entre todos os Hespanhoes, & teuera o primeiro lugar, se Luis de Camoës lho não ganhara, así na agudeza dos conceitos, & propriedades das palavras, como na habilidade de metter regras impossueis, q̄ mostrou muito mais nas outras rimas, como logo diremos. É continuando com elle (que he a terceira parte deste Prologo) he euidente temeridade querer louuallo, porque ainda que os outros Poetas fossem particularmente abalifados em algũa perfeição special, todauia a hūs faltou a natureza, que lhes fizefse fácil a contextura do verso, laurandoo com tanta aspereza, & difficuldade, que parece que estão alli as palavras violentadas, & os conceitos enceirados nellas per força, & así careféc da suauidade em que consiste a mesma Poesia, conforme a doutrina de Fracastorio, no seu Dialogo, intitulado Naugerio, tirada de Horacio & Quintiliano. Outros que alcançarão ter mais natureza, ou por acertarem de ser pouco felices na eleição das palavras, ou por não terem cabedal com que atauiar a oração, así da lindeza da lingoagem; como de tropas & figuras, sem as quais Cicero, nem Virgilio nunca falarão, vñão de hūs termos tão humildes, & vulgares, como se a natureza da Poesia não consistira em ser leuantada do vsõ commũ de falar, conforme a opinião de Plutarcho, no seu tratado da Poetica, & da Rhodagino, no cap. 4. do lib. 4. Outros que se melhorão mais na lingoagem, não tem nenhũa erudição com que illustrem suas obras, sendo verdad como diz Rhodagino, no cap. 2. do mesmo liuro, que sã aquelles se chamão Poetas legitimos, que mostrarão noticia de diuersas sciencias em suas obras, como Orpheo, Homero, Virgilio, & Pyndaro. E pello contrario Luis de Camoës está tão afastado de todos estes defeitos, que juntamente vemos nelle natureza promptissima para declarar seus pensamentos, acompanhada de hũa facilidade natural, q̄ enche os seus versos de suauidade, & como ella hũa lingoagem tão pura, & ornada de todos os lumes da elocução, & tão rica de conceitos, & diuersas joyas de todas as sciencias,

ciencias, que parece que nelle sò ajuntou a arte, & a natureza tudo o que conuinha para subir ao mais alto da Poesia. E com ser excellente em toda a sorte de Rhythmas, & em especial no verso pequeno, como ja dissemos, muito mais o foi nas Canções, onde guardou de maneira todas as leys dellas, que nenhũa enueja pode ter à Petrarcha, Bembo, & Garcilasso, que neste genero são os mais louuados, & o mesmo lugar tem na mayor parte dos Sonettos, & o teuera em todos, se algũs que aqui vão impressos por seus não forão feitos sem cuidado, à importunação de amigos, onde acontece muitas vezes acudir mais a pressa com que os pedem, que a obrigação de os limar, & depois sem vontade do Author se publicação por seus. Tratar do stylo Heroico não he deste lugar: porque o Licenciado Manoel Correa, que está commentando suas Lusíadas, terá esse cuydado: mas o que com razão se pode affirmar, he que cumprir nella tanto a risca as obrigações do poema Epico, q̃ se não parecera arrogancia, poderamos darlhe assento muito perto de Virgilio. Porque na grandeza, grauidade, & armonia das palavras, na traça, & discurso da obra, na alteza do fogeito, seguio em tudo as pisadas de Virgilio; & nas ficções allegoricas (sem as quais não pode auer nenhum poema Heroico conforme a opinião de Aristoteles, referida por Rhodagino no mesmo lib. 4. c. 4 E ao que escreue Plutarcho no lugar acima allegado, reprendendo a Empedocles, Parminedes, Nicandro, & Theognides, por vsurparem o nome de Poetas, sò com versos ricos de doutrina, mas defacópanhados de ficções, mostrou tão admiravel engenho, que quasi se igualou a Homero, & ouxalã pudera humilhar a grandeza delle em algũas das Eglogas, conformandose mais com o stylo Bucolico. E posto q̃ não faltão murmuradores que calumniarão suas obras, não escurece isso o merecimento dellas, porque tambem Virgilio, & Homero passarão por este trance, que he natural a todos os ingenhos raros: em tanto que sò de erros de Virgilio compos Carbio Grammatico hum liuro inteiro, & Cesar Caligula ousou affirmar, que nenhũa habilidade, nem erudição tiuera, & este ue determinado para mandar metter no fogo suas obras & retrattos, que auia em algũas liurarias, como conta Suetonio

Tranquillo, & Petro Crinito no lib. 3. dos Poetas Latinos. E cõ isto não resta mais que lembrar, que os erros que ouuer nesta impressãõ, não passarão por alto a quem ajudou a copilar este liuro, mas achouse que era menos inconueniente irem assi como se acharão per conferencia de algũs liuros de maõ, onde estas obras andauão espedaçadas, que não violar as composições alheas, sem certeza euidente de ser a emenda verdadeira, porque sempre aos bõs entendimentos fica referuado julgarem que não são erros do Author, se não vicio do tempo, & inaduertencia de quem as trasladou. E seguiu-se nisto o parecer de Augusto Cesar, que na comissãõ que deu a Vario, & a Tucca para emmendar a Eneida de Virgilio, lhe defendeo expressamente que nenhũa cousa mudassem, nem acrescentassem, porque em effeito he confundir a substancia dos versos & conceitos do Author com as palauras & inuencão de quẽ emmenda, sem ficar ao diante certeza se o que se lee he proprio se emmendado. E por isso se não bolio em mais que sô naquillo que claramente constou seruicio de pena, & o mais vai assi como se achou scritto, & muito differente do que ouuera de ir se Luis de Camoës em sua vida o dera a impressãõ: mas assi de baixo destas afrontas, que o tempo, & ignorancia lhe fezerão, respaldesce tanto a luz de seus merecimentos que basta para neste genero de Poesia não auermos enueja a nenhũa nação estrangeira.

*O Licenciado Fernão Rodriguez Lobo Surrupitã,  
Auogado nesta Corte.*

# AO ESTVDIOSO DA LIC, AM POETICA:

*Feito por o Licenciado Pedro de Maris Sacerdote  
Canonista em que conta a vida de  
Luís de Camoões.*



Vas cousas achava o Philosofo, causação nas Republicas, grande felicidade Zelo, & Agradecimento. Porq̃ hũ fazia união fortíssima & inuenciuel, entre os animos mais discordes, & fracos. E o outro enchia o múdo de obras heroicas: com que os imperios se fazem opulentos, em grandeza de senhorio, & segurança de sua conservação. Bem se vê esta verdade em o nosso reyno Portuguez. Assim no tempo que a gratificação dos Principes andava pela medida dos merecimentos de cada hum, com que o reyno se augmentava admiravelmente. Como também quando, por sermos ingratos a Deos, & aos homês, nos beneficios recebidos: nos vemos enuoltos em tantas miserias, & tribulações. E quando a falta do zelo do bem commum, em os que mais podem & sabem, tem causado grandes ruinas em os melhores edificios desta Coroa.

Queyxa he esta antiquíssima, & muyto mais antiga a infirmitade de que ella procede: & por isso muyto incuravel, & sem remedio: se Deos com seu poderoso braço lhe não acode. E he tam geral esta doença, que até nas couças menores mostra sua furia com crueldade. Como se tem visto em muytos homês, a que as obras heroicas fezerão famosos, illustres, & grandes: & esta infirmitade os fez viuer em summa pobreza, acanhados: & morrer miseravelmente. Sendo assim, que nem as migalhas do que elles ganharão a esta coroa (& os podêra fazer riquíssimos) os roedores della lhe quizerão dar. Antes os perseguirão, de desacreditarão, & fezerão morrer sem galardão.

Exemplos temos muytos nos successos da paz & da guerra, cõ q̃ se podera confirmar esta verdade, se ella por sy não fora tão patente. Pois atê o nosso Luis de Camoës, neste seu Poema tão benemerito, como aquelle q̃ deu perpetua vida, às mais heroicas obras da nação Portuguez (q̃ ja hoje ouuerão de estar sepultadas em o perpetuo esquecimento, a q̃ tê condemnado outras muytas) foy tão perseguido desta infirmitade, q̃ viueo miseravelmente, & morreo quasi ao desemparo. Sendo asy q̃ alcançou neste reyno tempo florentissimo em Principes, & venturoso com hum Rey Augusto, liberal & magnifico.

Senão, se a Fortuna, quanto o auentajou mais dos outros homês na excellencia Poetica: lhe tirou de ventura em a remuneração també merecida: Como aconteceu neste mesmo Reyno, & nesta mesma Cidade, ao outro Astrologo, q̃ em Salamanca tinha prognosticado, ao Senhor Dõ Manoel (quando la estuda ua para clerigo) q̃ auia de ser hum grande Monarcha. Rey liberalissimo, & muy grandioso. Conceyto de q̃ os fidalgos Portuguezes então zombauão, por elle ter diante de sy, & da Coroa, dezaseis pessoas Mas succedendo depois de tantas coufas, a el Rey dom Ioão Segundo & vindo a esta cidade o Astrologo, pedir remuneração do q̃ merecia tão boa noua: entrou cõ o Rey, & ainda q̃ não esquecido da promessa q̃ lhe fezera, & possuidor do grande bem q̃ lhe prognosticara: não lhe deu mais que muy poucos cruzados. O que sabido pelos fidalgos, q̃ fora o esperauão carregado de grandes merces: accusarão ao Astrologo de ignorante: pelas poucas esperanças que daua de grandioso, quem com tal obrigação se mostraua tam escasso. Mas o Astrologo, acudio logo, que não procedia do Rey (pois auia de ser mais grandioso do que elle dizia (se não de sua curta ventura, que nem com tão magnifico Principe se extendia a mais q̃ aquella miseria.

Asy o nosso Luis de Camoës, por hũa obra tão famosa, & de tanta utilidade para a honra deste reyno, como este Poema, & de tanto gofio de hũ Rey tão altiuo & grandioso como el Rey D. Sebastião: não acho q̃ lhe fezesse mayor merce, q̃ quinze mil reis de tença: & q̃ estes auia de vencer residindo em Corte, & para isso se le auia de passar aluarã cada tres annos.

Dirmeis, não teue graça cõ esse Rey, mas teuea cõ os mais Principes, & fidalgos. Não ha tal, porque viueo em tanta pobreza, que se não teuera hum Ião, chamado Antonio, q̃ da India trouxe: que de noyte pedia esmola para o ajudar a sustetar, não podera aturar a vida. Como se vio, tanto que o Ião morreu, não durou elle muytos mezes.

Polo q̃, venho a concluyr q̃ ou sua fortuna era tão curta, como a do outro Astrologo, ou elle tinha algũa propriedade natural, q̃ afastaua os homés de lhe fazerê bem, como em outros costuma causar a ingravidão. Doença de que me dizê, elle foy tocado: & assi ficão com menos culpa os nossos Principes.

Porque foy de todos elles tão estimada esta sua excellêcia Poerica, q̃ tendo outro Poeta Portuguez (tambê famoso) com posto em verso a mesma empresa; quando vio este Poema de Camoês, & que todos o conhecião por tão heroico, não quiz mostrar o seu, posto que estaua com elle muyto vffano. E de todos os mais Portuguezes foy tão venerado este Poema, q̃ contra a natural propriedade Portuguezã, de estimarem mais as cousas de estrangeyros, que as suas) se tem impresso neste reyno mais de doze mil volumes.

Pois, dos estrangeyros (a que as suas cousas parecem melhor q̃ as das outras naçoês) foy tanto estimado, que não se cõtêtu eada hũa dellas com menos, que com appropriarem a sy, no modo que podia ser traduzindoo em suas linguas cõ tanta curiosidade, que em Castella se fezerão tres traduçoês, em Italia hũa, em França outra: posto que eu a não vi: & atê em Latim se começou a fazer neste reyno, per hum dos mayo res Poetas Latinos, que Portugal teue que a morte atalhou, pri uandonos de tamanho bem. Porque como o Camoês foy tão grande imitador da mais heroica Poesia Latina: & sò a humildade da nossa lingua Portuguez lhe podia humilhar o seu grãde espirito Poetico: em que nenhum dos mais famosos lhe leuou ventagem. Tornado elle a fermosura da lingua Latina, auia de ficar hum muyto heroico Poema.

Porque tambem o Camoês excedeo a todos os Latinos, Gregos, & Toscanos nas comparaçoês, com q̃ descreue, pinta, & descobre o intimo dos conceyos Poeticos, com arteficio admiravel,

mirauel, & muy proprio. Alem de outras muytas figuras, & tro-  
pos de Rhetorica, de que em muytas partes vfa, cõ tanta ener-  
gia, & efficacia, que nenhum dos antigos lhe leuarão ventagẽ:  
como se vè na oitava 41 do Canto 2. & em outros muytos lu-  
gares, que no comento se apontão & explicão.

Em fim, he tam estimado no mundo, que chegou em nos-  
sos dias hũ Alemão fidalgo escrever a esta cidade a hũ seu res-  
pondente, ainda hoje viuo, que lhe foubessẽ que sepultura ti-  
nha o Camoës: & quando, a não teuisse sumptuosa, tratassẽ cõ  
a Cidade lhe desse licença para trasladar seus ossos para Alema-  
nia, cõ aquella veneração q̃ tão insigne homẽ merecia. Onde  
lhe faria hũ tumulto superbilissimo, igoal aos dos mais famosos  
dos antigos. E concludindo, digo, q̃ todos os Poetas famosos de  
seu tẽpo o reconhecerão, & confessarão por superior: atẽ el di-  
uino Herrera, q̃ se imaginaua o mais leuãtado de todos os do  
mundo, dizia que em Espanha sò Luis de Camoës fora verda-  
deyro Poeta Heroico. E o grande Torcato Tassõ (q̃ no verso  
heroico excedeo a todos os Toscanos) dizia em Roma q̃ a ne-  
nhum Poeta temia nesta vida, se não a Luis de Camoës.

E se o nosso Camoës foy tão illustre em nobreza de enten-  
dimento: tambem foy acompanhado da nobreza do melhor  
sangue que Portugal produzio. Porque foy filho de Simão Vaz  
de Camoës natural desta cidade: o qual indo para India por  
Capitão de hũa nao, a vista de Goa deu a costa, & se saluou em  
hũa taboa, & là morreo. E de Anna de Macedo, molher noble  
de Sanctarem. E foy neto de Antão Vaz de Camoës, & de sua  
molher Guiomar Vaz da Gama, també dos nobres Gaimas do  
Algarue. E bisneto de Ioão Vaz de Camoës, morador em Coim-  
bra, aonde morreo, & estã sepultado ẽ capella propria, na clau-  
stra da See de Coimbra, com hum letrado arrogante ao modo  
antigo, das coulas que fez em seruiço del Rey dom Affonso  
Quinto. E de sua primeyra molher Inez Gomez da Sylua, filha  
bastarda de George da Sylua, que tambem era filho bastardo  
de Gonçalo Gomez da Sylua, que era irmão do Vizauo do  
Principe Demetrio Ruy Gomez da Sylua: do qual ella ficaua  
parenta dentro no quarto grao.

E assi aquelle admirauel engenho do nosso Luis de Camoës

era composto de sangue nobilíssimo, aſſi por parte de ſua Mãe, Auoo, & Vizauoo, como agora diſſemos, como tambẽ pela parte patronimica dos Camoões de Euora , cuja cabeça he hũa quinta que chamão a Camoeyra: de que hoje he poſſuydor com titulo de morgado, Antonio Vaz de Camoões, fidalgo bẽ conhecido naquellas partes.

E como o noſſo Poeta ficou ſem pay, & tão pobre q̃ ſe ſal-  
uou em hũa taboa, em tempo q̃ eſperaua ficar rico: vêdoſe ne-  
ſte deſemparo (ou como algũs dizẽ, homiziado, ou deſterrado  
por hũs amores no pazo da Raynha) ſe embarcou para India.  
Mas nella foy ſempre muyto eſtimado, aſſi polo valor de ſua  
peſſoa na guerra, como pola excellencia do ſeu engenho. Mas  
como era grãde gaſtador, muy liberal, & magnifico, não lhe du-  
rauão os bens temporaes, mais q̃ em quanto elle não via occa-  
ſião de os deſpender a ſeu bel prazer . Como lhe aconteceo,  
quando foy por Prouedor môr dos defunctos, às partes da Chi-  
na, de q̃ o Viſorey o prouco , para ver ſe o podia leuantar da  
pobreza em q̃ ſempre andaua enuolto. Mas nẽ a enchẽte dos  
bẽs q̃ là grangeou, o pode liurar, q̃ em terra no gaſtaſſe o ſeu  
liberalmente. E no mar perdeſſe o das partes em hũ nauſra-  
gio q̃ padeceo terriuel, de q̃ elle faz menção na octaua 128.  
do Canto 10. E não lhe valeo a excellẽcia de ſua Poefia, para  
deixar de ſer prezo na India, pelo Governador Franciſco Bar-  
reto, & de vir capitulado a eſte reyno . Antes do qual veõ a  
Moçãbique, para onde o Capitão Pero Barreto o trouxera da  
India cõ largas promeſſas, de q̃ elle em breue tẽpo ſe vio tam  
deſemganado q̃ arribando aly a Nao Fee, & querẽdoſe o Ca-  
moões vir nella, ou tornarſe para India: o Capitão o reteue co-  
mo preſo, atẽ lhe pagar duzentos cruzados q̃ lhe dera na In-  
dia para ſua matalotagẽ, & entãõ lhe pedia como diuida. Do  
q̃ q̃ixandoſe elle a algũs fidalgos amigos q̃ vinhão na nao, elles  
ſe fingirão entre ſy, & o deſẽpenharão, pagãdo ao Capitão os  
duzentos cruzados, & o trouxerão na meſma nao ao reyno,  
sẽpre a ſua cuſta. Eſtes erãõ Hector da Sylueyra, Antonio Ca-  
bral, Luis da Veiga, Duarte d'Abreu, & Antonio Ferrão, & ou-  
tros. Chegarãõ a eſta cidade no anno de 69. q̃ acharãõ fecha-  
da, & muy atribulada pela grande peſte de q̃ Deos nos liure .  
Depois diſto acabou de cõpor, & limar eſtes ſeus Cantos, que  
da

da Índia trazia compostos: & no seu naufragio saluara cõ grande trabalho, como elle diz na oçtaua acima referida. E logo no anno de setenta & dous os imprimio , & ficou residindo em Corte, por obrigação da tensinha que el Rey lhe dera Mas tão pobre sempre que pedindolhe Ruy Diaz da Camara, fidalgo bem conhecido, lhe traduziße em verso os Psálmos Penitenciaes, & não acabando de o fazer, por mais que para isso o estimulaua, se foy a elle o fidalgo , & perguntandolhe queyxofo, porque lhe não acabaua de fazer o que lhe prometêra auia tanto tempo, sendo tam grande Poeta, & que tinha composto tão famoso Poema: elle lhe respondeo, que quando fezera aquelles Cantos, era mancebo, farto, & namorado, querido, & estimado, & cheo de muytos faouores, & merces de amigos, & de damas com que o calor Poetico se augmentaua. E que agora não tinha espirito, nem contentamento para nada: Porque aly estaua o seu Ião, que lhe pedia duas moedas parã caruão, & elle as não tinha para lhas dar.

Hora morto elle em tanta miseria, que o enterrarão na Igreja de sancta Anna desta cidade, de modo que custou muyto trabalho atinarem com o lugar de sua sepultura: quando hũ fidalgo Portuguez , que sò neste reyno deu o primeyro balanço, o senhor dom Gonçalo Coutinho fidalgo bem conhecido neste reyno, mandando fazer sepultura propria, na Era de 1595, com Epitaphio nella esculpido, por honrar este Author como natural.

E o senhor Martim Gonçaluez da Camara pedio licença ao senhor dom Gonçalo Coutinho , & mandou de nouo por esta Campa que està em Santa Ana desta cidade a entrada da Porta principal, & logo pos o Epitaphio do senhor dom Gonçalo, & mandou por o seu em lingua Latina, varam grauissimo filho do Capitão da Ilha da Madeira do Cõselho do estado del Rey grande va lido de Dõ Sebstiam primeyro , & muy estimado de sua Magestade, q̃ Deos guarde, auendo resistido as dignidades Ecclesiasticas q̃ lhe forão offerecidas, & retirãdofe no fim da idade a viuer priuadamente cos Padres da Companhia em S. Roque de Lisboa, não lhe pareceo q̃ encontrãua os intêtos com que se alli fora, nem as calidades , & circumstancias que nelle cõcorrião em tratar da hõra q̃ se deuia a memoria de tão grande homẽ, & assi se occupou os vltimos meses de sua vida.

Polla

Polla qual obra ferà sempre raõ louuado dos bõs espiritos,co  
mo he rezam q̃ o seja de todos os homẽs pollo zelo da justiça,  
& bem publico q̃ mostrou em todos estados,& fortunas,&c.

---

## EPITAFIO DO SENHOR Dom Gonçalo Coutinho.

**A** Qui jaz Luis de Camoës Principe dos Poetas de  
seu tempo morreo no anno de 1579. esta Cam-  
pa mandou aqui poer Dom Gonçalo Coutinho, na qual  
se não enterrará pessoa algũa.

## DO SENHOR M. MARTIM GONC, AL- uez da Camara.

**N**aso elegis Flaccus lyricis Epigrammate Marcus  
Hic iacet, Heroo carmine Virgilius  
Ense simul, calamoque auxit tibi Iysia famam  
Vnam nobilitant Mars, & Apollo manum  
Castalium fontem traxit modulamine at Indo  
Et Gangi telis obstupescit aquas  
India mirata est quando aurea carmina lucrum  
Ingenij haud gazas ex Oriente tulit  
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense  
At plus dum calamo bellica facta refert  
Hunc Itali, Galli, Hispani vertere poetam  
Qualibet hunc vellet terra vocare suum  
Vertere fas, aquare nefas, aequabilis vni  
Est sibi pars nemo, nemo secundus erit.

Chamolle primeyro balanço, porque o segundo lhe deu o Licenciado Manoel Correa, que comentou as Luziadas. O qual, ou por lho pedir o mesmo Poeta, como elle me dizia: ou mouido do zelo do bem commum, ou por não ser metido na roda de ingratição dos outros Portuguezes: ou por mostrar seu engenho & letras: ou por lho pedir algum personagem: elle compôs em largos annos, com varia lição & erudição das boas letras humanas, que delle se pode collegir. Em que o commentador era tão famoso, que nas tres linguas, Latina, Grega, & Hebraea, poucos o igualarão em Europa. Da qual os mais insignes o consultauão muytas vezes em cousas muy difficul-  
tas, como de suas epistolas a seus amigos nos constaua.

Outras muytas cousas dignas de estima, tinha este varão para imprimir em outras linguas, primeyro que este commento. Mas sua antecipada morte desordenou tudo de maneyra, que padecendo cruel naufragio, sò esta faísca de suas obras sahio a cima das aguas. Mas tão enuolta nellas, que quasi soffrada de novos perigos de sua inundaçãõ, lhe mandey acudir com hũa cortiça de algũs dobroës: porque o tribunal da Legacia a mandou rematar em almoeda, como espolios da See Apostolica. E a este poderemos ehamar o terceyro balanço, q̃ a curta ventura do Poeta se lhe deu neste Reyno. Fazendo ho-  
ra imprimir com curiosidade: & procuaando que algũas cou-  
sas, que os muyto esculpulosos dizião faltaua no comento que se imprimisse, se não achem agora menos nelle. Principalmente algũs lugares atê hora não entendidos, ou interpretados contra o verdadeyro intento do Poeta. Para o que o mesmo Com-  
mentador me tinha dado licença: sem a qual (pode ser) que lhe não metera a maõ en sua sementeyra. Vale & ama.

*O Licenciado Pedro de Maris.*

**Liuros que Domingo Fernandez tem  
impressos deste Autor.**

**Os Luziadas sem commento!**

**Os Luziadas commentados;**

**Rimas Primera parte.**

**Rimas Segunda parte.**



Libros que Domingo Fernandez con  
impresos de este Autor.

Os Luzidas sem commentos.

Os Luzidas commentados.

Rimas Primeira parte.

Rimas Segunda parte.



L



M

B

E

RIMAS  
DE LUIS DE  
CAMOËS, SEGVN-  
DA PARTE.

## SONETO I.

De suas perdições.



**C**Antando estaua hum dia bem seguro,  
Quando passando Syluio me dizia,  
(Syluio, pastor antiguo, que sabia  
Pello canto das aues o futuro.  
Meris, quando quizer o fado escuro,  
Opprimir te virão em hum só dia,  
Dous lobos: logo a voz, & a melodia,  
Te fugirão, & o som suaue, & puro.  
Bem foy assi. Porque hum me degolou  
Quanto gado vacum pastaua, & tinba,  
De que grandes soldadas esperaua.  
E outro por meu danno me matou  
A Cordeyra gentil que eu tanto amaua,  
Perpetua saudade d'alma minha.

*Segunda parte.*

SONETO II.

**E**V cantey já, & agora vou chorando,  
O tempo, que cantey taõ confiado,  
Parece, que no canto já passado,  
S'estauão minhas lagrymas criando.  
Cantey: mas se me alguém pergunta. Quando?  
Não sey: que taõbem fuy nisso enganado.  
He taõ triste este meu presente estado,  
Que o passado, por ledo, estou julgando.  
Fizeraõme cantar manhosamente,  
Contentamentos não, mas confianças.  
Cantaua: mas já era ao som dos ferros.  
De quem me queixarey? que tudo mente,  
Mas eu que culpa ponho às esperanças?  
Onde a fortuna injusta he mais, que os erros?

SONETO III.

**D**Oces agoas, & claras do Mondego,  
Doce repouso de minha lembrança,  
Onde a comprida, & perfida esperança,  
Longo tempo, apos si me trouxe cego.  
De vòs me aparto, mas porem não nego,  
Que inda a memoria longa, que me alcança,  
Me não deixa de vòs fazer mudança,  
Mas quanto mais me alongo mais me achego.  
Bem pudera fortuna este instrumento  
Dalma, leuar por terra noua, & estranha,  
Offerecida ao mar remoto, & vento.  
Mas alma, que de cà vòs acompanha,  
Nas azas do ligeiro pensamento,  
Para vòs, agoas voa, & em vòs se banha.

SONE-

*Rimas de Luis de Camoës,*

SONETO .IIII.

**P**Or sua Nimpha Cephalo deixaua,  
Aurora, que por elle se perdia:  
Posto que dá principio ao claro dia,  
Posto que as roxas flores imitaua.  
Elle, que a bella Pochris tanto amaua,  
Que só por ella tudo engeitaria,  
Deseja d'atentar se lhe acharia,  
Taõ firme fê, como ella nelle achaua:  
Mudado o traje, tece o duro engano,  
Outro se finge prezo, poem diante,  
Quebrase a fé mudauel, & consente,  
O engenho sutil para seu dâno,  
Vede que manhas busca hum cego amante,  
Para que sempre seja descontente.

SONETO V.

**S**Entindose tomada a bella esposa  
De Cephalo, no crime consentido,  
Para os montes fugia, do marido,  
E não sey se de astuta, ou vergonhosa.  
Porque elle em fim soffrendo a dór ciofa,  
D'amor cego, & forçoso compellido,  
Apos ella se vay como perdido,  
Iã perdendo a culpa criminosa.  
Deitase aos pes da Nimpha endurecida,  
Que do ciofo engano estã agrauada,  
Iã lhe pede perdão, jã pede a vida.  
O força de afeiçã, desatinada,  
Que da culpa contra elle comettida,  
Perdão pedia á parte, que he culpada.

Segunda parte.

SONETO VI.

**S**enhor Ioão Lopez, o meu baixo estado,  
Ontem vi posto em grao taõ excellente,  
Que vós, que sois enueja a toda a gente,  
Sò por mim vos quizereis ver trocado.  
Vi o gesto suaue, & delicado,  
Que já vos fez contente, & descontente,  
Lançar ao vento a voz taõ docemente,  
Que fez ao ar sereno, & socegado.  
Vilhe em poucas palauras dizer, quanto  
Ninguem diria em muitas. Eu sò cego;  
Magoado fiquey na doce falla;  
Mas mal aja a fortuna, & o moço cego,  
Hum porque os coraçõs obriga a tanto,  
Outra porque os estados desigualla.

SONETO VII.

**O**Ceo, a terra, o vento socegado,  
As ondas, que se estendem pella area,  
Os peixes, que no mar o somno enfrea,  
O nocturno silencio repousado.  
O pescador Aonio, que deitado,  
Onde cò vento a agoa se menea,  
Chorando, o nome amado em vão nomea,  
Que não pòde ser mais que nomeado.  
Ondas, dizia, antes que amor me mate  
Tornayme a minha Nimpha, que taõ cedo,  
Me fizestes à morte estar fogueira.  
Ninguem lhe falla, o mar de longe bate,  
Mouese brandamente o aruoredo,  
Leualhe o vento a voz, que ao vento deita.

## SONETO VIII.

**E**Rros meus, mà fortuna, amor ardente,  
Em minha perdição se conjurarão,  
Os erros, & a fortuna sobejarão,  
Que para mim bastaua o amor fomente.  
Tudo passsey, mas tenho taõ presente  
A grande dòr, das cousas que passarão,  
Que as magoadas iras me ensinarão,  
A não querer já nunca ser contente.  
Errey todo o discurso de meus annos,  
Dey causa, que a fortuna castigasse  
As minhas mal fundadas esperanças.  
D'amor não vi senão breues engãos,  
O quem tanto podesse, que fartasse  
Este meu duro genio de vinganças.

## SONETO IX.

**C**A nesta Babilonia, donde mãna,  
Materia a quanto mal o mundo cria,  
Cá onde o puro amor não tem valia,  
Que a mãy, que manda mais, tudo profana.  
Cá onde o mal se afina, & o bem se dãna,  
E pòde mais que a honra a tirania,  
Cá onde a errada, & cega Monarchia,  
Cuyda, que hum nome vão a defengana.  
Cá neste labarinho, onde a nobreza,  
Com esforço, & saber pidindo vão  
A as portas da cubiça, & da vileza.  
Cá neste escuro Chaós de confuzão,  
Comprinde o curso estou da natureza,  
Vè, se mesquecerey de ti Sião.

Segunda parte.

SONETO X.

**C**Orrem turuas as agoas deste Rio,  
Que as do Ceo, & as do monte as enturbàraõ,  
Os campos florecidos se secàraõ,  
Intratauel se fez o valle, & frio;  
Passou o verão, passou o ardente estio,  
Hũas cousas por outras se trocàraõ,  
Os fementidos fados já deixàraõ,  
Do mundo o regimento, ou desuario;  
Tem o tempo sua ordem já sabida,  
O mundo não: mas anda taõ confuzo,  
Que parece, que delle Deus se esquece.  
Casos, opinioes, natura, & vzo,  
Fazem, que nos pareça desta vida,  
Que não ha nella mais, que o que parece.

SONETO XI.

**V**Os outros, que buscais repouso certo,  
Na vida com diuersos exercicios,  
A quem vendo do mundo os beneficios;  
O regimento seu està encuberto.  
Dedicay se quereis ao desconcerto,  
Nouas honras, & cegos sacrificios,  
Que por castigo igual de antigos vicios;  
Quer Deus, que andem as cousas por acerto;  
Não cahio neste modo de castigo,  
Quem poz culpa á fortuna, quem samente  
Crê, que acontecimentos ha no mundo.  
A grande experiencia he graõ perigo,  
Mas o que a Deus he iusto, & euidente,  
Parece injusto aos homês, & profundo.

SONE

## SONETO XII.

**D**Epois que vio Sibelle o corpo humano  
Do fermoso Aris seu verde pinheiro,  
Em piedade o vão furor primeiro,  
Conuertido, chorou seu graue dâno.  
E fazendo a sua dór illustre engano,  
A Iupiter pidio, que o verdadeiro  
Preço da noua palma, & do loureiro,  
Ao seu pinheiro desse, soberano.  
Mais lhe concede o filho poderoso,  
Que as estrellas, subindo, tocar possa;  
Vendo os segredos là do Ceo superno.  
O ditoso Pinheiro, ó mais ditoso,  
Quem se vir coroar da folha vossa,  
Cantando à vossa sombra verso eterno.]

## SONETO XIII.

**I**llustre, & digno ramo dos Menezes,  
Aos quaes com larga mão o largo Ceo;  
Que errar não sabe, em dote concedeo,  
Romper os Mahometricos arnezes,  
Desprezando a fortuna, & seus reuezes  
Ide, por onde a sorte vos moueo,  
Ergey flamas no mar alto Eritreo,  
E sereis noua luz aos Portuguezes.  
Opprimir com tão firme, & forte peito,  
O Pyrata insolente, que se espante,  
E trema Taprobana, & Gedrosia.  
Day noua causa à còr do Arabio Estreito:  
Assi que o roxo mar d'aqui em diante,  
O seja sò cò sangue de Turquia.

Segunda parte.

SONETO XIII.

**N**A desesperação já repousava,  
O peito longamente magoado,  
E com seu dâno eterno concertado,  
Iã não temia, jã não desejava.  
Quando hũa sombra vam me assegurava,  
Que algum bem me podia estar guardado,  
Em tão fermosa imagem, que o tressado  
N'alma ficou, que nella se enleuava.  
Que credito, que dà tão facilmente,  
O coração a aquillo, que deseja,  
Quando lhe esquece o fero seu destino!  
O deixem me enganar: que eu sou contente,  
Que posto que mayor meu dâno seja:  
Ficame a gloria jã do que imagino.

SONETO XV.

**S**enhora minha se a fortuna imiga,  
Que em minha fim com todo o Ceo conspira,  
Os olhos meus de ver os vossos tira,  
Porque em mais graues casos me perfiga.  
Cômigo leuo est'alma, que se obriga,  
Na mòr pressa de mar, de fogo, de ira,  
A daruos a memoria, que suspira,  
Sò por fazer conuôsko eterna liga.  
Nest'alma, onde a fortuna pôde pouco,  
Tão viua vos terey, que frio, & fome,  
Vos não possaõ tirar, nem vaõs perigos.  
Antes có som da voz, tremulo, & ronco,  
Bradando por vós, sò com vosso nome,  
Farey fugir os ventos, & os imigos.

SONE-

SONETO XVI.

**A** Ruore, cujo pomo bello, & brando,  
Natureza de leyte, & fangue pinta,  
Onde a pureza de vergonha tinta,  
Estâ virgineas faces imitando.  
Nunca da ira, & do vento, que arrancando  
Os troncos vaõ, o teu injuria sinta,  
Nem por malicia de ar, te seja extinta  
A cor, que está teu fruto debuxando.  
Que pois me emprestas doce, & idoneo abrigo,  
A meu contentamento, & fauoreces,  
Com teu suaue cheiro minha gloria:  
Se não te celebrar como mereces,  
Cantandote: se quer farey contigo,  
Doce, nos casos tristes, a memoria.

SONETO XVII.

**P**Or cima d'estas agoas forte, & firme,  
Irey por onde as fortes ordenarãõ,  
Pois por cima de quantas me chorarãõ,  
Aquelles claros olhos pude virme.  
Iá chegado era o fim de despidirme,  
Iá mil impedimentos se acabaraõ,  
Quando Rios d'amor se attraueffaraõ,  
A me impedir o passo de partirme.  
Passay os eu com animo obstinado,  
Com que a morte forçada, & gloriosa,  
Faz o vencido já desesperado.  
Em que figura, ou gesto desuzado,  
Póde já fazer medo a morte irosa,  
A quem tem a seus pès rendido, & atado?

SONE-

*Segunda parte.*

S O N E T O XVIII.

**O** Filho de Latona, esclarecido,  
Que com seu rayo alegra a humana gente,  
O horrído Phiton, braua serpente  
Matou, sendo das gentes taõ temido.  
Fetio com arco, & de arco foy ferido,  
Com ponta aguda de ouro reluzente,  
Nas Thesalicas prayas docemente,  
Polla Nympha Penea andou perdido:  
Nãõ lhe pôde valer para seu dãno,  
Sciencia, diligencias, nem respeito,  
De ser alto, celeste, & soberano.  
Se este nunca alcançou nem hum engano,  
De quem era taõ pouco em seu respeito;  
Eu que espero de hum ser, que he mais q̃ humano?

S O N E T O XVIII.

**P** Resença bella, angelica figura  
Em quem, quanto o Ceo tinha nos tem dado,  
Gesto alegre, de rosas fameado,  
Entre as quaes, se està rindo a fermosura.  
Olhos, onde tem feito tal mistura,  
Em christal branco o preto marchetado,  
Que vemos já no verde delicado,  
Nãõ esperança, mas enueja escura.  
Brandura, aniso, & graça, que augmentando  
A natural belleza c'hum despreso,  
Com que mais despresada mais se augmenta,  
Sãõ as prisoões d'hum coração, que preso,  
Seu mal ao som dos ferros vay cantando,  
Como faz a Serca na tormenta.

S O N E T O

## SONETO XX.

**D**uerfos doês reparte o Ceo benigno,  
 E quer, que cada hũa hum só possua,  
 Assim ornou de casto peito a Lua,  
 Ornamento do assento Christalino;  
 De graça a mãy fermosa do menino,  
 Que n'essa vista tem perdido a sua:  
 Pallas de discrição, que imite a tua:  
 Do vallor junto, sò de imperio digno.  
 Mas junto agora o mesmo Ceo derrama  
 Em ty o mais que tinha, & foy o menos,  
 Em respeito do Author da natureza,  
 Que a seu pezar te daõ, fermosa dama,  
 Diana honestidade, & graça Venos,  
 Pallas o auiso seu, Iuno a nobreza.

## SONETO XXI.

**T**al mostra dà de si vossa figura,  
 Sibella, clara luz da redondeza,  
 Que as forças, & o poder da natureza,  
 Com sua claridade mais apura.  
 Quem vio hũa confiança tão segura,  
 Tão singular esmalte da belleza,  
 Que não padeça mais, se ter defeza  
 Contra vossa gentil vista procura,  
 Eu pois por escuzar essa esquiuança,  
 A rezão sogeitey ao pensamento,  
 Que rendida os sentidos lhe entregaraõ,  
 Se vos offende o meu atreuimento:  
 Inda podeis tomar noua vingança,  
 Nas reliquias da vida, que escaparaõ.

SONE.

Segunda parte.

SONETO XXIII.

**A** Mor que da vida o nô desfata,  
Os nós que dà o amor, cortar quizeras,  
N'ausencia, que he contr'elle espada feta,  
E cò tempo, que tudo desbarata.  
Duas contrarias que hũa a outra mata,  
A morte contra o amor ajunta, & altera,  
Hũa he rezão contra a fortuna austerá,  
Outra contra a rezão fortuna ingrata.  
Mas mostre a sua imperial potencia  
A morte, em apartar d'hum corpo a alma,  
Duas n'um corpo o amor ajunte, & vna.  
Porque así leue triumphante, a palma,  
Amor da morte, a pezar d'ausencia,  
Do tempo, da rezão, & da fortuna.

SONETO XXIIII.

**O** Rnou muy raro esforço ao grande Atlante,  
Com que a celeste machina sustenta,  
Honrou seu alto engenho esse, que intenta  
Grecia, do quarto Ceo leuallo auante.  
Coroou ja o amor o firme amante  
Orpheo, firme na paz, & na tormenta,  
Aspirou a ventura em tudo izenta  
A Cesar, de quem foy hum tempo amante.  
Tu exaltaste, ó fama, a gloria alta  
De Ercoles, sobre o monte em que resides,  
Mas Castro, em quem o Ceo seus doês derrama.  
Mais orna, honra, coroa, aspira, exalta,  
Que Atlante, Homero, Orpheo, Cesar, & Alcides,  
Esforço, Engenho, Amor, Ventura, & Fama.

SONE-

SONETO XXV.

**C**Oyrado que em algum tempo choro, & rio,  
Espero, temo, & quero, & aborreço,  
Iuntamente me alegre, & entristeço,  
De hũa coula confio, & desconfio.  
Auoó fem azas, estou cego, & guio,  
E no que valho mais menos mereço,  
Calando dou vozes, calo, & emmudeço,  
Nada me contradis, & eu aporfio.  
Queria se ser pudesse o impossuiel,  
Queria poder mudarme, & estar quedo,  
Vsar de liberdade, & ser captiuo.  
Queria que visto fosse, & inuisiuel,  
Queria desenrredarme, & mais me enrredo,  
Tais são os extremos em que triste viuo.

SONETO XXVI.

**S**E graõ gloria me vem de olharte,  
He pena desigual deixar de verte,  
Se presumo com obras merecerte,  
Graõ pago de engano he desejarte.  
Se quero por quem es louuarte,  
Sei certo por quem sou offenderte,  
Se mal me quero a mim por bem quererte,  
Que premio quero mais que sô amarte.  
Porque amor taõ raro sempre fete,  
O humano tisouro doce gloria,  
Que quer mais a alma que te serue.  
Scrita estaràs em minha memoria,  
E a alma viuirá que por ti morre,  
Que ao fim da batalha he a victoria.

SONE-

*Segunda parte.*

SONETO XXVII.

**I**lgame a gente toda por perdido,  
Vendome taõ entregue a meu cuydado,  
Andar sempre dos homês apartado,  
E dos tratos humanos esquecido.  
Mas eu que tenho o mundo conhecido,  
E quasi, que sobre elle ando dobrado,  
Tenho por baixo, rustico, enganado,  
Quem não he com meu mal engrandecido.  
Vaõ reuoluendo a terra, o mar, & o vento,  
Busquaõ riquezas, & honras, a outra gente,  
Vencendo ferro, fogo, frio, & calma,  
Que eu sò em humilde estado me contento,  
De trazer esculpido, eternamente,  
Vosso fermoso gesto dentro n'alma.

SONETO XXVIII.

**S**empre a razão vencida foy d'amor,  
Mas porque assi o pedia o coração,  
Quis amor ser vencido da razão,  
Ora que cazo pode auer mayor.  
Nouo modo de morte, & noua dór,  
Eltranheza de grande admiração,  
Que perde suas forças a afeição,  
Porquê não perca a pena a cada hum.  
Pois nunca ouue fraqueza no querer,  
Mas antes muito mais se esforça assim,  
Hum contrario com outro por vencer.  
Mas a rezão que a luta vence em fim,  
Não creio que herezão, mas ha de ser,  
Inclinação que eu tenho contra mim.

SONE

*Rimas de Luis de Camoës,*

S O N E T O XXVIII.

**D** Elgadas agoas claras do Mondego,  
Doce repouzo de minha lembrança,  
Onde a comprida, & lubrica esperança,  
Longo tempo, apos si me trouxe cego.  
De vós me aparto, & porei não nego,  
Que inda a memoria longa que me alcança,  
Me não deixa de vós fazer mudança,  
Mas quanto mais me alongo não me achego.  
Bem pudera a fortuna, este instrumento  
D'alma, leuar, por noua terra estranha,  
Offerecida a mar romoto, & a vento.  
Mas a alma que de cá vos acompanha,  
Nas azas do ligeiro pensamento,  
Para vós, agoas voa, & em vós se banha.

S O N E T O XXX.

**O** Rayo de ouro fino se estendia  
Pello mundo d'Aurora marchetada,  
Quando Nife pastora delicada,  
Donde a vida deixaua se partia.  
Dos olhos, com que as almas accendia,  
Partindo, toda em lagrymas banhada,  
Da fortuna, de si, & do tempo magoada,  
Pondo os olhos no Ceo assi dizia.  
Nasce sereno Sol alegre, & ardente,  
Esclareffe fermosa, & roxa Aurora,  
Qualquer al na alegrando, descontente.  
Que a minha sabe tu, que desde agora,  
Iá mais na vida a podes ver contente,  
Nem taõ triste, nenhúa outra pastora.

S O N E T O

Segunda parte.

SONETO XXXI.

**Q**ue modo taõ sotil da natureza,  
Para fugir ao mundo, & seus enganõs,  
Permite que se esconda em tenros annos,  
Debaixo de hum burel tanta belleza.  
Mas esconderse não pode aquella alteza,  
E grauidade d'olhos soberanos,  
A cujo resplandor entre os humanos,  
Resistencia não sinto, ou fortaleza.  
Quem quer liure ficar de dór, & pena,  
Vendoa, ou trazendoa na memoria;  
Na mesma razão sua se condemna.  
Porque quem mereceo ver tanta gloria,  
Captiuo há de ficar que amor ordena,  
Que de juro tenha ella esta victoria.

SONETO XXXII.

**S**egua aquelle fogo que o guiaua,  
Leandro contra o mar, & contra o vento,  
As forças lhe faltauão já, & o alento,  
Amor lhas refazia, & renouaua.  
Depois que vio que a alma lhe faltaua,  
Não esmoreffe, mas no pensamento,  
(Que a lingua já não pode) seu intento,  
Ao mar que lho comprisse encomendaua.  
O mar (dizia o moço) sò consigo,  
Iã te não peço a vida só queria,  
Que a de Ero me salues, não me veja.  
Este meu corpo morto, là o desuia  
Daquella Torre, seme nisto amigo,  
Pois no meu mòr bem me oueste enueja.

SONE-

## SONETO XXXIII.

A Conceição da Virgem nossa  
Senhora.

**P**ARA se namorar do que criou,  
Te fez Deus S. P. henix Virgẽ pura:  
Vede, que tal seria esta feitura,  
Que a fez, quem para si sò a guardou.  
No seu santo conceito te formou  
Primeiro, que a primeira creatura:  
Paraque vnica fosse a compostura,  
Que de taõ longo tempo se estudou.  
Nãõ sey, se direy n'isto, quanto baste,  
Para exprimir as santas calidades,  
Que quis criar em ty, quem tu criaſte.  
Es filha, mãy, & esposa. E se alcanſaſte  
Hũa só, a tres taõ altas dignidades,  
Foi, porq̃ a tres, & de hũ sò, taõ agradaſte.

b

SONE-



SONETO XXXIII.

A Encarnação do Verbo Eterno.

**D**Ece do Ceo immenso Deus benigno,  
Para encarnar na Virgem soberana,  
Porq̃ dece Diuino ã cousa humana?  
Para subir o humano a ser Diuino.  
Pois como vem taõ pobre, & taõ minino,  
Rendendo ce ao poder da mão tyrãna?  
Porque vem receber morte inhumana,  
Para pagar de Adão o desatino.  
Pois como? Adão, & Eva o fruto comem,  
Que por seu proprio Deus lhe foy vedado?  
Si, porque o proprio ser de Deoses tomem.  
E por essa razão foy humanado?  
Si. Porque foy com causa decretado,  
Se o homẽ quis ser Deus, q̃ Deus seja homẽ.

SONE



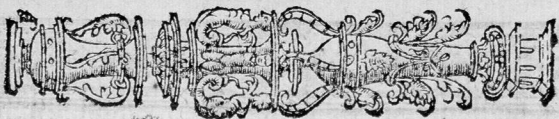
SONETO XXXV.

A Christo nosso Senhor no  
Presepio.

**D**O S Ceos à terra dece a mor  
Unese à carne nossa, & fala  
E sendo a humanidade d'antes pobre,  
Hoje subida fica à mór alteza.  
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza,  
Que como ao mundo o seu amor descobre:  
De palhas vis o corpo tenro cobre,  
E por ellas o mesmo Ceo despreza.  
Como Deus em pobreza à terra dece?  
O que he mais pobre tanto lhe contenta,  
Que sô rica, a pobreza lhe parece.  
Pobreza este Presepio representa,  
Mas tanto por ser pobre já merece,  
Que quãto he pobre mais, mais lhe cõtenta.

b 2

ELEGIA



SONETO XXXVI.

A Paixão de Christo nosso Senhor,  
dealogismo.

Porque a tamanhas penas se offerece,  
Pelo peccado albeo, & erro insano,  
O trino Deus porque o sogeito humano,  
Não pode cò castigo que merece.  
Quem padecerà as penas que padece,  
Quem soffrerà dezonra, morte, & d'ano,  
Ninguem, senão se for o soberano,  
Que Reyna, & seruos manda, & obedece,  
Foy a força do homem tão pequena,  
Que não pode foster tanta aspereza,  
Pois não fosteue a Ley que Deus ordena.  
Sofrea aquella immensa Fortaleza,  
Por puro amor, que a humanal fraqueza,  
Foy para o erro, & nãoja para a pena.

ELEGIA



ELEGIA

A PAIXAM DE  
CHRISTO N. SENHOR.

Primeira.



E quando contemplamos as secretas  
Causas, por q̄ o mundo se sustenta,  
O reuoluer dos Ceos, & dos Planetas  
E se quando à memoria se aprežeta  
Este curso do Sol, que he tão medido,  
Que hã ponto sò não mingoa, nẽ se augmẽta  
Aquelle effeito tarde conbecido  
Da Lũa, em ser mudauel, tão constante,  
Que mingoar, & crescer he seu partido.  
Aquella natureza tão possante  
Dos Ceos, que tão conformes, & contrarios  
Caminbão sem parar hum breue instante.  
Aquelles mouuimentos ordinarios,  
A que responde o tempo, que não mente,  
Cos effeitos da terra necessarios.  
Se quando em fim reuolue sutilmente  
Tantas cousas a leue fantasia,  
Sagaz, escrutadora, & diligente.  
Vẽ bem ( se da rezão se não desuia  
O Altissimo ser, puro, & diuino,  
Que tudo pode, manda, moue, & cria.

## Segunda parte

Sem fim, & sem começo, hum ser continuo  
Hũ padre grande aquem tudo he possiuel:  
Por mais arduo que seja ao homem indino:  
Hum saber infinito incomprehensiuel,  
Hũa verdade, que nas cousas anda  
Que mora no visível, & inuisiuel.  
Esta potencia em fim, que tudo manda,  
Esta causa da causas, reuestida  
Foy desta nossa carne miseranda.  
Do Amor, & da Iustica, compellida  
Polos erros da gente, em mãos da gente,  
Como se Deos não fosse, perde a vida.  
O Christão descuydado, & negligente  
Pondera isto, que digo, repousado:  
Não passes por aqui tão leuemente.  
Nãgo, que aquelle Deos alto, increado  
Senhor das cousas todas, que fundou  
O Ceo, a terra, o fogo, & o mar irado:  
Não do confuso Caos, como cuidou  
Afalla Theologia, & pouo escuro,  
Que nesta sò verdade, tanto errou.  
Não dos Atamos falsos de Epicuro  
Não do largo Oceano como Tales,  
Mas sò do pensamento casto, & puro.  
Olha, animal humano, quanto vales,  
Que por ty este grande Deos padece,  
Nouo modo de morte, novos males.

Olha

Olha, que o Sol no Olympo se escurcece  
 Não por opposição d'outro Planeta  
 Mas sò porque virtude lhe falece.  
 Não ves que a grande machina inquieta  
 Do mundo se desfaz toda em tristeza,  
 E não por natural causa secreta ?  
 Não ves como se perde a natureza?  
 O ar se turba, o mar batendo geme ;  
 Desfazendo das pedras a dureza.  
 Não ves que os montes caem ? a terra treme ?  
 E que até na remota, & grande Athenas,  
 O sabio Dionysio sente, & teme ?  
 O summo Deos, tu mesmo te condenas  
 Polo mal, em que eu sò sou tão culpado ;  
 A tamanbas afrontas, tantas penas.  
 Por mim, senhor, no mundo, reputado  
 Por falso, & por quebrantador da ley  
 A fama a ty se poem de meu peccado.  
 Eu senhor sou ladrão, tu summo Rey,  
 Eu sò furtey, tu com ladroës padeces,  
 A pena a ty se dà, do que eu pequey.  
 Eu seruo sem valor, tu summo preço,  
 Em preço vil te pões por me tirares  
 Do cativeiro eterno, que mereço  
 Eu por perderte, & tu por me ganhares  
 Te dás aos homes baxos, que te vendem  
 Sò para os homens presos resgatares.

## Segunda parte.

A ty, que as almas soltas, a ty pre: dem  
A ty summo Iuiz ante Iuizes  
Te accusaõ, polo error dos q̃ te offẽdẽ.  
Chamãote malfeitor, não contradizes,  
Sendo tu dos Prophetas a certeza,  
Dizem, que quem te fere prophetizes.  
Rimse de ty: tu choras a crueza,  
Que sobre elles virã. A gente dura,  
Porquẽ tu vês ao mundo, te despreza.  
O teu rosto, de cuja fermosura  
Se veste o Ceo, & o Sol resplãdecete,  
Diante de quẽ muda estã a Natura.  
Com cruas bofetadas da vil gente,  
De precioso sangue estã banhado,  
Cuspido, arrellado cruelmente.  
Aquelle corpo tenro, & dilicado,  
Sobre todos os Santos Sacrosanto,  
De açoutes rigurosos flagellado.  
Depois cuberto mal de hũ pobre manto,  
Que se pegava às carnes magoadas,  
Para dobrarlhe as dõres outro tanto.  
Magoauãono as chagas não curadas,  
Hũ tormento causandolhe excessiuo,  
Ao dispir pelas mãos crueis, & iradas.  
As santissimas barbas de Deos viuo,  
De resplãdor ornadas lhe arrãcauão,  
Para desempenbar Adão captiuo.

Com cordas pelas ruas o leuação,  
Leuando sobre os ombros o Tropheo  
Das vitorias, que as almas alcançaão.  
O, tu, que passas, homem Cyrineo,  
Ajuda hum pouco este homem verdadeiro,  
Que agora como humano enfraqueceo.  
Olha, que o corpo aflito do marteiro,  
E dos longos jejũs debilitado,  
Não pòde já cõ peso do Madeiro.  
O não enfraqueçais, Deos encarnado,  
Essas queda, que tanto vos magoão,  
Sopportay Cavalleyro sublimado.  
Que aquellas altas vozes que là soão,  
Dos padres são, que estão no Limbo escuro,  
Que já de Louro, & Palma vos coroão,  
Todos vos bradão, que subais ao muro  
Da Cidade infernal, & que aruoreis  
Encima essa bandeira muy seguro.  
O, Santos Padres, não vos appresseis,  
Que muito mais a Deos, que a vòs custarão  
Essas duras prisoès, em que jazeis.  
Aquellas mãos, que o mundo edificarão,  
Aquelles pès, que pisão as Estrellas,  
Com durissimos prègos se encauãrão.  
Mas qual serà a pessoa, que as querellas  
D'angustiada V'rgem contemplasse,  
Que não se moua a dõr, & a magoa d'ellas.  
E que

## Segunda parte

E que dos olhos seus não estillaſſe  
Tanta copia de lagrimas ardentes,  
Que carreiras no roſtro aſſinalaſſe.  
O que lhe vira os olhos refulgentes  
Deſfazendoſe em lagrymas, regando  
Aquellas bellas faces excellentes .  
Quem a virã cos gritos ir tocando  
As eſtrellas, a que responde o Ceo,  
Cos accentos dos Anjos retumbando :  
Quem vira quando o claro roſto ergueo  
A ver o filho, que na Cruz pendia ,  
Donde a noſſa ſaude deſcendeo :  
Que magoas tão chorofas, que diria,  
Que palauras tão miſeras, & tristes  
Para o Ceo, para a gente eſpalharia .  
Pois que ſeria, Virgem, quando viſtes  
Com fel noſoſo, & com vinagre amaro ,  
Matar a ſede ao filho, que pariſtes ?  
Não era eſte o liquor ſuaue, & claro,  
Que para o confortar, então darieis  
A quem vos era , mais que a vida , charo .  
Como? Virgem Senhora , não corricis  
A dar as tetas puras ao cordeiro  
Que padecer na cruz com ſede vicis ?  
Não ſò era eſſe , Senhora , o verdadeiro  
Poto , que voſſo filho deſejaua ,  
Morrendo polo mundo n'bum madeiro .

Mas

Mas a saluação, que ally ganhaua  
Para o mismo Adão, que ally bebia  
Na fonte, que do peito lhe manaua.  
Pois, o pura, & santissima Maria,  
Que em fim sentistes esta magoa, quanto  
A grauidade della o reueria.  
D'essa fonte sagrada, e peito santo  
Me alcançai hũa gota, com que laue  
A culpa, que me agrauar, & pesa tanto.  
Do liquor salutifero, & suave  
Me abrangey, com que mate a sede dura  
D'este mundo tão cego, torpe, & graue.  
Assi, Senhora toda a criatura  
Que viue, & viuerà, que não conhece  
A ley do vosso filho, santa & pura:  
O falsissimo hereje, que carece  
Da graça, & cõ danado, & falso sprito  
Perturba a santa Igreja, que florece.  
O pouo pertmaz, no antigo rito,  
Que sò o desterro seu, que tanto dura,  
Lhe diz, que he pena igual ao seu delito.  
O torpe Ismaelita, que mistura  
As leys, & com preceitos viciosos  
Na terra estende a ceita falsa impura.  
Os idolatras maos supersticiosos  
Varios de opinioes, & de custume  
Leuados de conceitos, fabulosos

## Segunda parte

As mais remotas gentes, onde o lume  
Da nossa Fè não chega: nem que tenham  
Religião algũa se presume.  
Assi todos em fim, Senhora venhão,  
Confessar hum sò Deos crucificado,  
E por nenhum respeito se detenhão.  
Mas de todos o vicio já passado,  
O seu nome cò vosso neste dia,  
Seja por todo mundo celebrado,  
E respondão os Ceos, **IESVS MARIA.**

• Fim desta primeira Elegia :



## ELEGIA

## A O D O V T O R

MESTRE BELCHIOR,

em louuor de sua filha dona

Maria de Figueiroa, na

India em Da-  
mão.

2.

**S**E obrigações de fama podem tanto,  
 q̄ inda de Helena viue oie a memoria  
 Fazendo cada vez mayor espanto.

Se tambem de Lucrezia a Luvia historia,

Inda que já passada, cá florece,

E por fama, e triumpho hoie tem gloria;

Se a perfeição de Laura nunca esquece,

Tambem he que por fama laureada,

Nos ficou por Petrarca, e oie crece;

E se aquella cruel Troyana espada,

Deu com a morte vida a fermosura

De Dido, por Virgilio celebrada :

E se Venus fermosa, hoie segura

Se

Segunda parte.

Se a prezenta em mil versos, & Diana  
Com as nove Irmãs d' Apollo tem vëtura,  
Que fará a fermosura soberana,  
De Figueiroa illustre de quem quero  
Cantar com doce Lira, & mantuana:  
Mas se me ella não falta, della espero  
Catar, não destas já, que já acabarão;  
Destas cante Virgilio, desta Homero:  
Que se outras com seus versos celebrarão,  
Foy, que por sua idade, a desta dama  
(Por inda estar no Ceo) não na alcãçarão.  
Mas tinbalbe a ventura Oriental cama,  
Guardada em Damão, porque nascendo,  
Perder fizesse às outras gloria, & fama.  
E em quanto alegre declarar pretendo;  
Vós Pay de tal tesouro, daime ouvidos  
Para d'elle dizer, mais do que entendo.  
Não reproveis meus versos d'atrenidos,  
Antes dailhe louuor, paraque sejam  
De tal dama, & de vós favorecidos:  
Que milagres d'amor, farey que vejão?  
Pintarey os olhos bellos, boca, & rizo,  
Mil partes que outras damas ter deseirão.  
Cabellos

Cabellos douro, em fim seu grande auizo,  
Sua arte, perfeição, & fermosura,  
Que na terra nos mostra hum Parayso,  
Que mais? o graue aspeito, & a brandura,  
A boca de Robis, chea de perlas,  
Das christalinas mãos a neve pura.  
Senhora dona Maria, entre as mais bellas,  
Vôs sois quem nossa idade hoje enriquece,  
E entre ellas sois qual Sol entre as Estrellas.  
Por vós Damão Senhora hoje florece,  
Por vós as Musas já do sacro monte,  
Donde contino o Louro verde crece.  
Vos vem apresentar, da clara fonte,  
De palidas violas coroadas  
As pegaseas flores de Illiconte.  
A vós se vem cantando rodeadas  
Das Nymphas que o dourado Tejo cria,  
Com suas doces Liras temperadas.  
E com seu suaue canto, & melodia,  
Chegadas a vós já dizem cantando,  
Esta he porquem Apollo emmudecia.  
Esta he porquem Ueturno desprezando  
Pomona, de contino se abrasaava,

Segunda parte.

Na menos parte sua imaginando,  
Esta he porquem em fonte se tornaua  
O auô de Phaetonte, & porquẽ Orpheo,  
As furias infernais a quebrantaua;  
Esta he porquem sò Troya se perdeo,  
Esta he a quem Pariz deu a maçã douro,  
E esta porquem Orlando endoudeceo.  
Esta he quem desdo Gange até o Douro,  
Sò sem falta compoz a natureza,  
Do Indico Oriental todo thesouro;  
Esta he quem trouxe a luz toda a nobreza  
Dos de Liam Fajardos, que descende  
Do Real tronco ingrez na mòr alteza.  
Esta he a flor do Lago que se estende,  
E em quem de nouo nasce a Real pranta,  
Esta he a quem o mesmo amor se rende;  
Esta he porquem a Aurora se leuanta,  
Na parte Oriental, mais clara, & pura,  
Esta he porquem morrendo o Cisne canta;  
Esta he porquem nos dotou sò a ventura,  
De mil primores chea colocada,  
Em rara perfeição de fermosura.  
Esta serà de nòs sempre cantando,

Edos nouos Poetas mil louuores  
Terà cõ fama eterna, & sublimada.  
Na festa de Deos Pam cem mil pastores  
Deſta felice terra a ti cantando,  
Mil ramos leuarão cheos de flores.  
Ati as ſuas lutas dedicando  
Seus jogos pastoris de cem mil partes  
Com verſos te eſtarão ſempre louuando  
E tu, que de teu ſer nunca te partes  
Com fermofura, & graça de continuo  
Com que por fama ao mundo te repartes.  
Com roſtio branco, alegre, & peregrino  
Aceitaràs ſeus verſos, coroada  
De roſas, & de louro ati sô dino.  
Dali do noſſo choro venerada  
Teràs carguo da Jelia de Diana,  
E entre nos tu ſeràs, mais eſtimada.  
Dalli ò alta Dea, & ſoberana  
Gouernaràs o Indico Oriente,  
E todo eſtado alem da Taprobana.  
Dalli correndo irà de gente em gente  
Tua fama, fazendo eſquecida

C

Adas

Segunda parte

*A das antigas Damas do Occidente,  
Ganhando teu louuor immortal vida.*

O D E D O C A M O E S , Q V E  
nunca foy impressa.

**N** Aquelle tempo brando  
Em q̃ se vê do mundo a fermosura  
Que Tetis descansando  
De seu trabalho, está fermosa, & pura,  
Cansaua o Amor o peito  
Do mancebo Peleo de hum duro afeito.

Com impeto forçoso  
Lhe tinha já fugido a bella Nimpha;  
Quando no tempo aquoso  
Noto ligeiro moue a clara limpha:  
Serras no mar erguendo,  
Que as altas vão da terra desfazendo.

Esperaua o mancebo  
Com a dor, que o seu peito n' alma sente,  
Hum dos dias, que Phebo  
O mundo todo abraza em fogo ardente,  
Soltando as tranças d'ouro,  
Em q̃ Clicie d' Amor faz seu thezouro.

Era

Era no mes, que Apolo  
Entre os irmãos celestes passa o tempo,  
C vento enfrea Eolo,  
Para que o delicioso passa tempo  
Seja quieto, & mudo  
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.

O luminoso dia  
Os amorosos corpos despertava  
Na cega idolatria  
Que o peito mais cõteta, & mais agrava,  
Onde o cego minino  
Se faz crer dos humanos que he continuo.

Quando a fermosa Nimpba  
Com todo ajuntamento venerando  
Na pura, & clara limpha  
O christalino corpo està lauando  
O qual nas aguas vendo  
Nelle, alegre de o ver, se està reuendo.

O peito Diamantino  
Em cuja branca teta Amor se cria  
O gesto perigrino  
Cuja presenca torna a noite, dia  
A graciosa boca,  
Que Amor a seus amores mais prouoca.

## Segunda parte.

Os robins graciosos

E perolas que escondem entre as rosas,  
Os jardins deleitosos  
Que o Ceo plantou em faces tão fermosas:  
O transparente collo  
Que ciumes a Daphne faz de Apollo.

O sutil mouimento

Des olbos, cuja vista o Amor cegou  
O qual com seu tormento  
Nunca mais de taes olbos se apartou  
Mas antes de continuo  
Nas minimas o trazem por minino.

Os fios espalhados

D'amor, q̃ aos mais dos peitos faz cobica,  
Onde Amor enredados  
Os coraçõs humanos traz & atica  
Com feruido desejo,  
Por onde elle começa a ser sobejo.

O mancebo Peleó

Que de Neptuno estaua aconselhado  
Vendo na terra o Ceo  
Em tão bella figura tresladado,  
Mudo hum pouco ficou.  
Porque Amor logo a falla lhe tirou.

Em

Em fim querendo ver  
Quem tanto mal de longe lhe fizia,  
A vista foy perder,  
Porque de puro amor Amor não via  
Ficando cego, & mudo  
Contra as forças do Amor que pode tudo.

Agora se aparelha  
Para a batalha agora arremetendo,  
Agora se aconselha,  
Agora vay, agora está tremendo  
Quando já de Cupido  
Com noua setta o peito vio ferido.

Remete o moco logo  
Para onde estava a chaga sem socego,  
E cò sobejo fogo  
Quãto mais perto estava, então mais cego  
Se via, & c'hum suspiro  
Na fermosa donzella emprega o tiro.

Vengado assi Peleo,  
Nasceo deste amoroso ajuntamento  
O forte Larisseo  
Destruicão do Phrigio pensamento;  
Que por não ser ferido  
Foy nas ondas estigias summergido.

*Segunda parte*  
OVTRA ODE DO MESMO  
nunca impressa.

Esta pode bem passar até o fim da  
pagina seguinte.

**A** calma nos deixou  
Sem flores as ribeiras graciosas,  
Iã de todo secou

Os crauos, lirios, & as purpureas rosas,  
Fogem da calma graue os passarinhos  
Para o sombrio emparo de seus ninhos.

Menea os altos frexos,  
Abranda viração, de quando em quando  
E d'entre varios sexos  
O liquido cristal saé murmurando  
As gotas, que das aluas pedras saltão  
O prado, como perolas, esmaltaõ.

Da caça já cansada  
Busca a casta Titonia a espeßura,  
Onde a sombra deitada  
Logre o doce repouso da verdura,  
E sobre o seu cabello crespo, & louro  
Deixe cair o bosque o seu thezouro,

O Ceo desempidido  
Mostra o eterno lume áas estrellas,

E de

E de flores vestido  
Húas vermelbas, & outras amarelas  
Se mostra alegre o bosque, alegre o monte  
O rio, o arvoredo, o prado, a fonte.

Porque como o minino  
Que a Iupiter pola Aguia foy leuado  
No cerco christalino  
Foy do amator de Clície visitado  
O bosque chorará, chorará a fonte  
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora brando  
He das lindas Nereydas cortado,  
Se irá aleuantando  
Todo, em crespas escumas empollado:  
O soberbo furor do negro vento  
Fará por toda parte móuimento.

Leybe da natureza  
Mudar-se desta sorte o tempo leue,  
Socede a belleza  
Da primavera, o fruto, á calma, a neue  
E tornar outra vez por certo fio,  
Otono, Inuerno, Primavera, Estio.

Tudo em fim faz mudança  
Quanto o claro Sol vê, quanto alumia,

Segunda parte.

Nem se acha segurança  
Em tudo, quanto alegre o bello dia;  
Mudãose as condiçõs, muda-se a idade,  
A bonança, os estados, & a vontade.

Sò a minha inimiga  
A dura condição nunca mudou,  
Para que o mundo diga,  
Que nella ley tão certa se quebrou,  
Sò ella em me não ver sempre está firme,  
Ou por fugir d'Amor, ou por fugirme,

Mas já sofriuel fora,  
Sò ella em me matar, mostrar firmeza;  
Se não acabara agora  
Tão bem em mim mudada a natureza;  
Pois sempre o coração tenbo turbado,  
Sempre d'escuras nuves rodeado.

Sempre experimento os fios:  
Que em continuo receo Amor me manda;  
Sempre os dous caudaes rios:  
Que em meus olhos abrio, q' nos seus anda;  
Corrê sem chegar nunca o verão brandos,  
Que tamanha aspereza vã mudando.

O Sol sereno, & puro

Que

Que no fermoso rosto resplandece,  
 Enuolto em manto escuro  
 Do triste es quecimento, não parece,  
 Deixando em triste noite a triste vida,  
 Que nunca he de luz noua soccorrida.

Porem seja o que for  
 Mudese por meu dano a natureza,  
 Perca a constancia Amor  
 A fortuna inconstante acbe firmeza,  
 E tudo se conjure contra mim  
 Mas eu firme estarei no que emprendi.

## CANC, A M.

**N**Em roxa frol de Abril.  
 Pintor do campo ameno, & da verdura  
 Colhida entre outras mil  
 Foy nunca assi agradavel a donzella  
 Cortês a legre, & bella  
 De sua may de leite, & gloria para  
 Como a mim foy a inculta fermosura,  
 Natural, que pudera  
 Render, Saturno lá na sua esphera.

Natural fonte agrêste:  
 Não laurada de artifice excelente

Segunda parte

Mas por arte celeste  
Dirivada do rustico pene do  
Nãõ fez nunca tão ledo  
Cansado caçador por festa ardente:  
Quanto o descuido a mim me fez cõtente  
Do ver desconcertado,  
Que farã brando a Iupiter irado!

Fruta, que sem concerto  
Natureza entre os ramos pendurã  
Achada por acerto,  
A quem pintada a vè de sangue, & leite,  
Nãõ lhe dà o deleite  
Que essa graça me dà sem compostura  
Ornamento da mesma fermosura,  
E o toucado sem arte  
Que tornãra pastor o brauo Marte.

A menham graciosa,  
Que derramando saẽ d'entre os cabellos  
A flor, o lurio, a rosa  
Sem ajuda de ornato, ou de artificio  
Nãõ faz o beneficio,  
Que faz a luz dos vossos olhos bellos  
A quem os vè tão puros, & singellos,  
E esse inocente riso,  
Porque o Sol dexa pelo Tejo Amphriso.

## Outeiros coroados

Das arvores, que fazem a espessura  
 Còs ramos carregados  
 Alegre, que mão destra os não cultiva,  
 Graça tão excelsiva,  
 Não tem na sua natural verdura,  
 Quanta na desses olhos clara, & pura  
 Deposita a esperança  
 Com que Amor gosto, & a mão tormento alcãça.

## Dos simples passarinhos.

A musica sem arte concertada  
 D'entre os verdes raminhos  
 Tão suave não he tão deleitosa  
 A quem no campo a gosa  
 Quanto a mim essa falla alegre agrada,  
 E o natural auiso,  
 Tal q' a Mercurio rouba o cetro, & o siso.

## Dos rios frescos' agoa,

Que clara entre arvores se dirina  
 Caindo d'alta fragoa,  
 E smaltando de perolas no prado  
 O verde delicado  
 Com brandos som, aos olhos fugitiua,  
 Não nos alegra quanto a graça esquiva,  
 D'essa voz soberana,  
 Que faz cortès a rustica Diana.

## S E X T I N A.

Esta está impressa tão errada que não  
parece do Author, & foy emen-  
dada por elle nesta forma.

**F**Ogime pouco, & pouco a curta vida,  
Vayseme o breue tempo dante os olhos,  
E do viuer me vay leuando o gosto,  
Choro polo passado, mas os dias  
Não se detem por isso de seu curso  
Passase em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena,  
Que nunca hum passo deu tão lóga vida,  
Fora de trabalhoso, & triste curso,  
Se não processo meu estendo os olhos  
Tão cheos de trabal hos vejo os dias  
Que já não gosto nem do mesmo gosto.

Os prazeres, o canto, o riso, o gosto  
A continuacão da graue pena  
Me leuou, que não ponho culpa aos dias.  
A culpa he do destino, porque a vida  
Sempre celebrará os bellos olhos,  
Por mais que do viuer se alonge o curso.

Sigão

Sigão os Ceos o seu natural curso,  
 A toda gente dem tristeza, ou gosto:  
 Façam em fim mudanças que meus olhos  
 Nunca verão no mundo se não pena,

Para poder em paz passar os dias.

Vão soccedendo hūs dias a outros dias  
 Não perde o tempo nada do seu curso  
 Perde somente a curta, & breue vida  
 Fogelhe como sombra a idade, & o gosto,  
 Vaysell' acrecentando magoa, & pena  
 De que são testemunhas os meus olhos :

Mas nunca da minh' alma, ò claros olhos,  
 Vos poderão tirar os longos dias,  
 Cresca quanto quizer trabalho, & pena  
 Que pois para de tras não torna o curso  
 Dos annos: isto sò terei por gosto,  
 Para poder passar o mais da vida ..

Canção ja tiue vida, ja meus olhos!  
 Me derão algum gosto, mas os dias,  
 Com seu ligeiro curso magoa, & pena.

Segunda parte

C A N C, A M.

Esta Canção duas vezes fez o Author com os  
mesmos conceitos, mas termos tão differen-  
tes que totalmente he outra, hũa se imprimio  
q̃ começa, Mandame Amor q̃ cante do-  
cemente, esta he tão boa, que não  
se deixa ver qual he a que elle  
aceitou, & assi ambas  
saõ mercedoras de  
se imprimir.

**M**andame Amor que cante o q̃ alma sente,  
Caso que nunca em verso foy cantado,  
Nem d'antès entre gente acontecido,  
Pagame assi em parte o meu cuidado,  
Pois que quer, que me louue, & represente  
Quam bem soube no mundo ser perdido.  
Sou parte, & não serey da gente crido,  
Mas he tamanho o gosto de louuarme,  
E de manifestarme,  
Por catiuo de gesto tão fermoso,  
Que todo impedimento  
Rompe, & desfaz a gloria do tormento:  
Perigrino, suaue, & deleitoso,

Que

Que bem sey que o que canto,  
Ha d'achar menos credito, que espanto.

Eu viuia do cego Amor izento  
Porem tão inclinado a viuer preso,  
Que me daua desgosto a liberdade  
Hum natural desejo tinha acceso  
D'algum ditoso, & doce pensamento;  
Que me illustrasse a insana mocidade.  
Tornauado anno já primeira idade:  
A reuestida terra se alegrava,  
Quando Amor me mostrava  
Em fios d'ouro hũas tranças desatadas  
Ao doce vento estiuo,  
Os olhos rutilando em lume viuo;  
As rosas entre a neué sameadas,  
O gosto graue, & ledo  
Que juntos moue em mim desejo, & medo.

Este ramo está quasi todo na que  
está impressa.

Hum não sei que suaue respirando,  
Causaua vn' desusado, & nouo espanto,  
Que as cousas insensueis o sentiaõ.  
Por que as garrulas anes entre tanto  
Vozes desordenadas leuantando,

Como

## Segunda parte.

Como eu em meu desejo se ascendião.  
As fontes cristalinas não corrião  
Inflamadas na vista clara, & pura,  
Floreçia a verdadeira,  
Que andando còs ditosos pès tocaua.  
Os ramos se abaxarão  
Ou denueja das heruas, que pizauão,  
Ou porque tudo ante elles se abaxaua  
O ar, o vento, o dia  
D'espíritos continos influia.

E quando vi, que daua entendimento  
A cousas fora delle, imaginey,  
Que milagres faria em mim, que o tinha.  
Vy, que me desatou da minha ley,  
Priuandome de todo sentimento,  
E n'outras transformando a vida minha.  
Com tamanhos poderes do Amor vinha  
Que o vso dos sentidos me tiraua  
E não sei como o daua  
Contra o poder, & ordem de Natura  
Aas aruores, aos montes,  
Aa rudeza das heruas, & das fontes,  
Que conhecerão logo a vista pura,  
Fiquei eu sò tornado  
Quasi n'um rudo tronco de admirado.

Depois

Depois de ter perdido o sentimento  
 De humano, hum cò desejo me ficaua  
 Em que toda a rezão se conuertia,  
 Mas não sey quem, no peito me bradarã,  
 Que por tão alto, & doce pensamento,  
 Com rezão, a rezão se me perdia.  
 Assim que quando mais perdida a via  
 Na sua mesma perda se ganhaua,  
 Em doce paz estaua  
 Com seu contrario proprio n'hum sogeito,  
 O caso estranho, & nouo,  
 Por alta certamente, & grande approuo  
 A causa, donde vem tamanho efeito  
 Que faz n'hum coração,  
 Que hum desejo sem ser, seja rezão.

Depois de ja entregue a meu desejo,  
 Ou quasi todo nelle conuertido  
 Solitario, siluestre, & inhumano;  
 Tão contente fiquei de ser perdido,  
 Que me parece tudo, quanto vejo,  
 Escusado, se nã. meu proprio dano,  
 Bebendo este suaue, & doce engano:  
 A troco do sentido, que perdia,  
 Vy, que Amor me insculpia,  
 Dentro nalma a figura honesta, & bella,  
 d Agra

*Segunda parte.*

*A gravidade, o fiso,  
A mansidão, a graça, o doce riso,  
E porque não cabia dentro nella  
De bens tamanhos tanto,  
Saê pola boca convertido em canto.*

*Canção se te não crerem:  
Daquelle claro gesto, quanto dizes,  
Polo que em si lhe esconde:  
Os sentidos humanos (lhe responde)  
Não podem de contino ser juizes.  
Se não hum pensamento,  
Que a falta supra a fê do entendimento.*

*E I M.*



PETICAM FEITA  
AO REGEDOR DE HVA

nobre moça presa no Limoeiro da  
Cidade de Lisboa, por se dizer q̃  
fizera adulterio a seu marido,  
q̃ era na India, feita por  
Luis de Camoës.



Prito valeroso, cujo estado  
O alto Deos prospere, & acrefcente  
Regendo o fiel Reyno descansado  
Com vida felicissima, & contente  
A vós em quem o humil necessitado  
Acha sempre fauor, & amor ardente  
Peco queirais ouuir, que na verdade  
Zelo, & amor de Deos me persuade.

Não vos seja pesado o atreuerme  
A querer emprender fugeito alheo,  
Porque fizeraõ lagrimas mouerme  
Vir ante vòs ofusado, & sem receo.  
E se por tal quizerdes conbecerme,  
Seruindouos de mim, por algum meo;  
O nome, o braço, a Musa, & quanto posso,  
Ha já muito, senhor, que tudo he voffo.

## Segunda parte

Quem isto offerece vos dirà quanto  
Desejo muito lea seruos aceito,  
Porque com vosso zelo, o fauor santo,  
Faça meu ru de verso algum proueito  
Que cobrindome vos com vosso manto,  
Aeu ser nobre tendo algum respeito,  
Sey que posso ganbar o que não tenbo,  
Pois me não faltaõ forças, nem engenbo.

Porem isto, senhor, deixando a parte,  
Que razão he deuida a que me guia  
A vós venbo com força, engenbo, & arte,  
Por influxo do Ceo, que a vós me enuia  
A vós, a quem tem dado Apolo, & Marte,  
De seus thesouros parte, & melhoria,  
Venbo cantar com voz rouca, & chorosa,  
Por hũa encarcerada desditosa.

A vos venbo, senhor, na confiança  
Do vosso nome pondo meu sentido,  
Que quem em vós confia, tudo alcança,  
Sendo cousa de que Deos he seruido,  
E pois elle vos deu justa balança  
Para pezar justiça, & dar ouuido,  
Ouui a petição da miseravel,  
Cõ quem fortuna foy tão pouco affauel.

Ouui

Quia da pobre dona Catharina

O grande desemparo inopinado,  
 A quem nenhum remedio determina,  
 Ou permite seu duro, & cruel fado,  
 Que se na tenra idade foy mofina,  
 A vida entregando ao vão cuidado,  
 Aja niſſo castigo com brandura,  
 Porque o medo a farà viuer segura.

Aja, senhor, cuidar que he moça pobre,

Que pobreza não tem nenhum respeito,  
 E mais não tendo idade que lhe sobre,  
 Pera saber fugir do que he mal feito.  
 Aja tambem cuidar que he sangue nobre,  
 E ao jugo da Igreja inda fugeito,  
 E que podem nascer de tal processo  
 Hum grande, & cruelissimo successo.

Certo que com razão urgente, & clara

Tem algũa razão a infelice,  
 Que se ninguem recolhe, nem ampara  
 A triste orfaã na flor da meninice,  
 A fortuna cruel em tudo auara,  
 Pera lhe acarretar triste velhice,  
 Lhe entrega a honra, & pura castidade  
 Nas mãos de hũa cruel necessidade.

## Segunda parte

Bem sei que de ter culpa não carece,  
Sò por não ser do sangue seu lembrada,  
Màs deselhe o castigo que merece,  
E não pera tão longe desterrada:  
Que se pera là for, bem se conbece  
Quam vilmente será vituperada,  
Dando motiuo ao rude marinheiro,  
Que seja incontinente carniceiro.

Vede, senhor, o risco a que se obriga  
A desditosa, & fragil mocidade,  
Se honra não vai buscar, ou parte amiga  
Que lhe defenda sua honestidade.  
Não queirais não, senhor, q̃ o mundo diga,  
Ah, que grande rigor, & crueldade?  
Como já vai dizendo, & murmurando,  
Sua grande ignorancia disculpando.

Eu certo não duuido que o Piloto,  
O mestre, o marinheiro, o Capitão,  
Vsem do custumado vicio roto  
Com todas as que em seus poderes vão.  
Dai-me vòs, senhor, hum que estè remoto  
De tal dilicia, nesta occasião,  
E eu direi ser falso o que vos digo,  
Tomando sobre mim todo o castigo.

Já não ha hi João posto em deserto  
 Que seja ao Ceo, por casto, tan aceito,  
 Nem ha quem não cometta descôcerto,  
 nessa torpeza brutta, & vil sugeito :  
 Já não, & ahí Hieronymo tão certo,  
 Que, com pedra na mão, ferindo o peito  
 Da carne stimulado, assi lhe diga,  
 Não te chegues a mim carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,  
 Que, vendoa sem amparo, & sem abrigo,  
 Em tempo, q̄ os mais ricos, & esforçados,  
 Temendo a Deos, fugião a seu castigo:  
 Hũs pera seus jardins determinados,  
 Outros por onde o Ceo lhe fosse amigo,  
 A deixarão tão sò nesta cidade,  
 Batalhando co a vil necessidade.

Pois quem ouuera ahí, que não cabira  
 Vendose em tal estremo, em tal miseria,  
 Qual Artbemisa aqui não consentira,  
 Qual Romana Sofronia, ou qual Valeria.  
 E qual Lucrecia fora, que isto vira  
 Que não rendera o jugo à vil materia,  
 Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara.  
 Ou qual molher de Vlysses se negara.

## Segunda parte.

Qual fora a que se vira em tão infesta  
Batalha turbulenta, & espantosa,  
Exercitando a morte rija, & mesta,  
Seu duro officio, brava, & rigurosa.  
Que Nympha ouuera abi, q̄ Deosa Vesta,  
Em virginal estado poderosa,  
Que não rendera a tudo o casto nome,  
Por não morrer nas mãos da dura fome.

Ab valeroso spritto, caso he isto,  
Pera se dar perdaõ aa fraca ouelha,  
Não seja o perdaõ seu, seja de Christo,  
Pois elle a perdoar nos aconselha.  
Assi nos altos Ceos sejais bem quisto,  
E vos incline Deos attenta orelha,  
Que vos lembre, senhor, seu desamparo,  
Pois sois dos pobres pay, & amigo claro.

Por isso olhai, senhor, a quanto importa,  
Cortar occasiões com fio agudo,  
Porque não se cortando, abre se porta  
Do lasciuo desejo ao Nauta rudo.  
E, se, como vos digo, esta se corta,  
Olhando bem as leys do claro estudo,  
Será grandeza vossa muy sobida  
Dessa real profapia produzida.

Olhai

Olhai que tem, senhor, hũa menina  
Do ausente consorte, & filha sua,  
Muito deseparada, & pequenina,  
Fora do natural, despida, & nua.  
Se de vos, senhor, agoa da Piscina,  
A vosso zelo tudo se attribua,  
Que, mouendouos elle, não duuido,  
Que tudo a ella seja concedido.

F I M.



*Segunda parte*

REDONDILHAS DO MESMO  
que nunca forão impressas.

Cantigas alheas.



**N** A fonte está Leonor  
Lauando a talha, e chorãdo  
As amigas preguntando,  
Vistes la o meu amor?.

Volta do Camoés.

Posto o pensamento nelle,  
Porque a tudo o Amor a obriga  
Cantava, mas a cantiga  
Eraõ fosiros por elle.

Nisto estava Leonor  
O seu desejo enganando  
As amigas preguntando  
Vistes là o meu amor.

O rostro sobre bũa mão  
Os olhos no chão prega dos,  
Que do chorar já cansados,  
Algum descanso lhe daõ.

Destá

*Desta sorte Leonor  
Suspende de quando em quando,  
Sua dor: & em sy tornando  
Mais pesada sente a dor.*

*Não deita dos olhos agoa,  
Que não quer q̃ a dor se abrande  
Amor, porque em magoa grande  
Seca as lagrimas a magoa.*

*Que depois de seu amor  
Soube novas preguntando  
Demprouiso, a vi chorando  
Olhai que estremos de dor.*

Estas trouas mandou o Author da cadea em que o tinha embargado hũa diuida Miguel Roiz Fios Secos, d'Alcunha, que se embarcaua para fora, ao Cõde do Rêo do Viçorrey, pidindolhe o fizesse desembargar.

*Que diabo ha tão danado  
Que não tema a cutilada  
Dos fios secos da espada  
Do fero Miguel armado?  
Pois se tanto hum golpe seu  
Soa na infernal cadea,  
Do que o demonio arrecea,  
Como não fugirey eu?*

Com

## Segunda parte.

Com razão lhe fugiria,  
Se contr'elle, & contra tudo;  
Nãõ tiuesse hum forte escudo  
Sõ em vossa senhoria.

Por tanto senbor prouêja,  
Pois me tem ao remo atado,  
Que antes que seja embarcado  
En desembargado seja.

Estas trouas mandou Heitor da  
Silueira ao mesmo Cõde,  
enuernando em Goa.

Vossa senhoria crea,  
Que nãõ apura o engenbo  
Fome, se he como a que tenbo,  
Mas afraca, & corta a vea.  
E quem o contrario sente  
Estã farto em toda a hora,  
Como estou faminto agora.  
Mas Marta se estã contente  
Dalhe pouco de quem chora.

E pois vossa senhoria  
Em gèral a tudo acode,  
Acudã a mim, que sò pòde  
Darme nõ engenbo valia.

Esperu

Esperte esta musa minba,  
 Que o tempo traz sonorenta  
 Valhalhe nesta tormenta,  
 Com essa doce mezinba  
 Que sò da vida, & a contenta.

Acuda com prouisão  
 Não de papel, mas prouida  
 D'ouro, & prata: que esta vida  
 Não sustentão papeis, não.  
 De feitor a thesourcero  
 Sermebia trabalho grande  
 Vossa senhoria mande  
 Algum remedio primeiro  
 Cõ que a morte, o ferro abrande.

## Ajuda de Luis de Camoës.

Nos liuros doutos se trata,  
 Que o grande Aohiles insano  
 Den a morte a Heitor Troiano.  
 Mas agora a fome mata  
 O nosso Heitor Lusitano.  
 Sò ella o pode acabar,  
 Sò essa vossa condicão  
 Liberal, & singular  
 Não mete entre elles bastão  
 Bastante para osartar.

*Segunda parte.*

A HVA SENHORA QUE LHE  
chamou diabo.

Esparfa

**N**ão posso chegar ao cabo  
De tamanho desarranjo,  
Que sendo vos, senhora, anjo,  
Vos queira tanto o diabo.  
Dais manifesto sinal,  
De minha muita firmeza,  
Que os diabos querem mal  
Aos Anjos, por natureza

Cantiga.

Vy chorar hūs claros olhos  
Quando d'elles me partiã  
O que magoa, o que alegria.

Volta:

Polo meu apartamento  
Se arrazaraõ todos d'agoa,  
Quem cuidou, q̄ em tanta magoa  
Achasse contentamento?  
Julge todo entendimento

Qual

Qual mais sentir se deuia:  
Seest a dor, se est' alegria.

Quando mais perdido est' iue  
Então deu a est' alma minba,  
Na mayor magoa, que tinha,  
O mayor gosto, que tiue  
Assi se minb' alma viuue  
Foy, porque me defendia  
D'esta dor, esta alegria.

Q' bem que Amor me não deu:  
No tempo que o desejei,  
Quando d'elle me apartey  
Me confessou que era meu:  
Agora, que farey eu  
Se a fortuna me desuia,  
De lograr esta alegria.

Não sey se foy enganado  
Poisme tinha defendido  
Das iras de mal querido  
No mal de ser apartado,  
Agora peno dobrado  
Achando no fim do dia  
O principio d'alegria.

Segunda parte

Mote al Rey.

Dò la my ventura  
Que no ver alguna.

Volta.

Sepa, quien padece  
Que en la sepultura  
Se esconde ventura,  
De quien la merece.  
Allà me parece,  
Que quiere fortuna  
Que yo halle alguna.

Naciendo mesquino,  
Dolor fue mi cama,  
Tristeza fue llama,  
Cuidado el padrino,  
Vestiose el destino,  
Negra vestidura  
Huyò la ventura.

No se ballò tormento,  
Que ally no se ballasse;  
Ni bien que passasse,  
Sino como viento.

Oh que nacimiento,  
Que luego en la cuna  
Me siguió fortuna.  
Esta dicha mia  
Que siempre busqué  
Buscandola, halle,  
Que no la hallaria,  
Que quien nace en dia  
D'estrella tan dura,  
Nunca halla ventura.  
No pufo mi estrella  
Mas ventura em mim  
Ansi viue em fim  
Quen nace sin ella.  
No me quexo della,  
Quexome, que atura  
Vida tan escura.

Vilancete pastoril.

Deos te salue Vasco amigo,  
Não me fallas? como así?  
Bofê Gil, não estava aqui.

Volta.

Pois onde te não fallar  
Se não estás onde apareces?

## Segunda parte.

Se Madanela conbeces

Nella me podes achar

E como te hão dir buscar,

Aonde fogem de ti?

Pois nem eu estou em mi.

Porque te não acharei

Em ti, como em Madanella?

Porque me fuy perder nella

O dia que me ganbei.

Quem tão bem falla, não sei

Como anda fora de si.

Ella falla dentro em mi.

Como estás aqui presente

Se lá tens a alma, & a vida

Porque he d'ũa alma perdida

Aparecer sempre a gente.

Se es morto, bem se consente

Que todos fujaõ de ti,

Eu tão bem fujo de mi.

## Outro pastoril.

Porque no miras Giraldo

Mi sampoña como suena?

Porque no me mira Elena.

## Volta.

Buelue aca no estès pasmado,

Mira

Mira, que gentil sonar?  
Como te podrá mirar  
Quien no puede ser mirado,  
Que bueno enamorado.  
No diras, si es mala o buena.  
No que me hizo mudo Elena.  
Mira tan dulce armonia  
Dexate d'essos enojos,  
Tengo clauados los ojos  
Con que mirar te podia.  
Ansi Dios te dê alegria  
No ves quan dulce, e serena.  
No, porque no veo Elena.

*Outro pastoril,*

Crecen Camilla os abrolhos  
De chorares por Cincero :  
Não he muito, que lhe quero  
Belisa, mais que meus olhos.

*Volta.*

Sempre os teus olhos estão  
Camilla, d'agoas banhados.  
De se verem desamados,  
Pode ser, que chorarão.  
Si, mas crecem os abrolhos

Segunda parte

E tu cegas por Cincero  
Se eu não vejo quem mais quero,  
Para que quero mais olhos?  
Se se foy ha mais de hum mes  
Teus olhos não cansarão?  
Não, que apoz elle se vão  
Estas lagrimas que ves  
Fazem logo estes abrolhos  
O mato espinhoso e fero.  
Pois eu não vejo a Cincero  
Isto são verão meus olhos.  
Chorando queres morrer?  
Mais quero viver chorando  
Tu não ves que vas cegando?  
Se cego, como ey de ver?  
Poem na vista outros antolhos.  
Não posso nem menos quero.  
Outra para outro Cincero,  
Antes não quero ter olhos.

A hũa mulher que se chamaua  
Graça de Morais.

Olhos em que estão mil flores  
E com tanta graça olhais  
Que parece que os amores,  
Moraão, onde vos morais.

Volta.

Volta.

Vense rosas, & boninas  
Olhos nesse vosso ver :  
Vense mil almas arder  
No fogo d'essas mininas.  
E dilobão minbas dores  
Meus sospiros, & meus ais,  
E dirão mais, que os amores  
Morão, onde vos morais.

Do Mote.

Vida de minbalma.

Volta.

Dous tormentos vejo  
Grandes por estremo :  
Se vos vejo, temo,  
E se não, desejo.  
Quando me despejo,  
E venho a escolher,  
E temo o desejo,  
Desejo o temer.

Cantiga alhea.

Pastora da serra  
Da serra da estrella  
Percome por ella.

e 3

Volta

*Segunda parte.*

*Volta.*

*Nos seus olhos bellos  
Tanto amor se atreue  
Que abraça entre a neve  
Quantos ousão velos  
Não solta os cabellos  
Aurora mais bella  
Percome por ella.*

*Não teue esta serra  
No mejo d'altura  
Mas da fermosura  
Que nella se enserra  
Bem ceo fica a terra  
Que tem tal estrellas  
Percome por ella.*

*Sendo entre pastores  
Causa de mil males  
Não se ouuem nos vales  
Se não seus lououres  
Eu sò por amores  
Não sei falar nella  
Sei morrer por ella.*

*De alguns que sintindo  
Seu mal vão mostrando  
Serim não cuidando,  
Que inda paga rindo*

*Eu*

*Eu triste encobriendo  
Sò meus males della  
Percome por ella.*

*Se flores deseja  
Por ventura dellas  
Das que colhe bellas  
Mil morrem de enueja  
Não ha quem não veja  
Todo o milhor nella  
Percome por ella.*

*Se na agoa corrente  
Seus olhos inclina  
Faz a luz cristalina  
Parar a corrente  
Tal se vê que sente  
Por verse agoa nella  
Percome por ella.*

*Mote:*

*Que verè que me contente.*

*Groza de Luis de Camoës.*

*Desque vna vez miré  
Senhora vuestra beldad*

*e 4*

*lamas*

## Segunda parte

Tamas por mi voluntad  
Los ojos de vos quitè.  
Pues si en vos plazer no siente  
Mi vida, ni lo deſſea  
Sino quereis que os vea  
Que verè que me contente.

## Luis Camões.

Quem ſe confia em olhos  
Nas meninas delles vê  
Que meninas não tem fê.  
Quem poem ſuas confianças  
Em meninas ſem aſento  
Ofereça o ſofrimento  
A duzentas mil mudanças  
Moſtrão no ar eſperanças  
Mas em ſeus olhos ſe vê  
Como não tem nalma fê.

Enganão ao parecer,  
Porque no caſo d'amar,  
São molheres no matar,  
E meninas não querer,  
Quem em ſeus olhos ſe crer  
Cem mil graças nelles vê  
Vellas ſim, mas não ter fê.

Moſtra-

Mostrauos num momento  
Fauores asim amolhos,  
Mas na mudança dos olhos  
Se lbe muda o pensamento  
En nada tem asento  
E o que mais nelles se vê  
He fermosura sem fê.



Cantiga velha.

Sois fermosa & tudo tendes  
Se não que tendes os olhos verdes.

Ninguem vos pode tirar  
Serdes bem asombrada  
Mas eisme de perdoar  
Que os olhos não valem nada  
Fostes mal aconselhada  
Em querer que fossen verdes  
Trabalhay de os esconderdes.  
A vossa test a he jardim  
Aonde amor se defenfada,  
He branca & bem talhada  
Que parece de Marfim  
Ia sey quanto a mim  
Isto nasce de a terdes  
Tam perto dos olhos verdes.

*Segunda parte.*

*Os cabellos desatados  
O mesmo Sol escurescem  
Se não que por serem ondados  
Algum tanto desmerecem  
Mas afee que se parecem  
A furto dos olhos verdes  
Não vos pese de os terdes.*

*As pestanas tem mostrado  
Ser rayos que abraçam vidas,  
Se não forão tam compridas  
Tudo o mais era pintado,  
Ellas me tinhão leuado  
La sem o vos saberdes  
Se não forão os olhos verdes.*

*O mimo desse carão  
Nem porlhe os olhos consente  
E ser liso, e transparente,  
Rouba todo o coração  
Inda assim achareis gente  
Que lhe não pese de os verdes  
Mas não seja cos olhos verdes.*

*Esse riso he composto  
De quantas graças nascerão*

Se não que algũs me dixerão  
 Que vos faz couinbas no rosto;  
 Na vontade tenbo posto  
 Daruos a alma se quiserdes  
 A troco dos olhos verdes.

Nunca se vio nem s'escreue  
 Boca nem graça igual  
 Se não fora de coral  
 E os dentes de cor de neu  
 Doume a Deos que me leue  
 Sofrerei quanto tenerdes  
 Não me tenhais os olhos verdes.

Essa garganta merece  
 Outras palauras não mínbas  
 Se não que feita em rosquinbas  
 Dal fenim, o que parece  
 Eu sei quem se offresce  
 A tomar tudo o que tendes  
 E tambem os olhos verdes.

Essas mãos são ferropas  
 Sò com vellas em feitiça  
 Se não que são alias e cheas,  
 E tem afeição roliça  
 Com que apelais por justiça  
 Pera com ellas prenderdes  
 Os que vem vossos olhos verdes.

A vossa

Segunda parte

A vossa galantaria

Matará a quem falardes

Tendes hũs desdens, & tardes

Que eu rogo vos Roubaria,

Doume a santa Maria

Sou cujo, de quanto tendes

E tambem deſses olhos verdes.

De Luis de Camoões, voltas que  
nãõ estãõ impressas.

Tudo tendes singular

Com que os coraçõẽs rendeis

Se nãõ querindofazeis

Coumbas para enterrar,

E para resuscitar

Tem força a graça que tendes

Se nãõ que tendes os olhos verdes.

Tudo senhora alcançais

Quanto ser fermosa alcança

Se nãõ que dais esperança

Cos olhos com que matais

Se a caso os aleuantais.

*Rimas de Luis de Camoës.* 37  
EPISTOLA DE LVIS  
de Camoës.

Duvidosa esperança, certo medo  
De não ouirdes senhora os meus danos  
Fizerão que não fis isto mais cedo.  
Mil remedios busquei, busquei enganoso  
Por encobrir el mal que me causais  
Temendo outra dor dos desenganos.  
Mas tudo quanto fis, fis por demais  
Amor, que como quer de mim ordena  
Não soffre que tal dor encubra mais  
A ser vosso senhora me condena  
Nisto merce me fas a vos se offende  
A culpa, ao amor dai, a mim a pena,  
Não cuideis que minha alma se defende  
De cousa de que vos fordes contente  
Porque sò isso busca, isso pretende.  
Ditosa dor, a que por vos se senta  
Ditoso, pois conheço esta verdade  
Pera não ser das minhas discontente.  
Com tudo, a não poder hũa vontade  
Tam pura, & tanto a medo offerecida  
Moueruos de meu mal a piedade.  
Não quero mais viuer, não quero vida,  
Milhor me serà morte, que desgosto  
A quem tanto desejo ver ser vida.

Banhem

Se gunda parte.

Barbem minhas lagrimas meu rosto!  
Sospire o coração que treme, & arde  
Chorar, & sospirar seja o meu gosto  
Não queirão os meus fados que me garde  
De sentir noua dor, nouo tormento  
Que sinto muito mais sentilo tarde.  
Quisiera des que tiue intendimento  
Por ver, se com firmeza vos mouia  
Não ter em outra cousa o pensamento  
Em vos cuidar a noite em vos o dia  
Por vos sentir prazer, por vos tristeza  
Sem vos ter pera mim que não viuia.  
Mas nem por isso aja em vos crueza  
Sofrese mal num peito delicado  
Parece cousa contra natureza..  
Olhai que em viuas chamas abrasado  
Por remedio senhora ante vos venho  
Buscalo noutra parte he escusado.  
Porque não val saber força, nem ingenho,  
Pedras, palauras, eruas de virtude  
Contra o golpe d'amor que n'alma tenho  
Se vossos olhos poden dar saude  
Se neste graue mal me não soccorrem  
Deixem me morrer ja ninguem me ayude.  
Ditosos são os tristes quando morrem  
No começo dos dannos que não sentem  
Quão vagarosas as tristezas correm.

Porem

Porem se as esperanças me não mentem  
Espero deste conto inda ser fora  
Que cruzas em vos não se consentem.  
Em fim a fim de tudo he senhora  
Que se me não valeis tenhais por certo,  
Que cedo verrei a derradeira ora.  
Ja que meu mal vos tenho descuberto  
Auei de mim dô, não seja isto em fim  
(Como dizem) dar vozes em deserto  
Valeime que por vos me perco a mim.

F I M.



*Segunda parte*

DOM ANTONIO SENHOR  
de Casquais, prometeo a Luis de Camoës  
seis galinhas recheadas pos h ũa copia  
que lhe fizera, & mandando lhe in  
principio de paga meã  
galinha recheada,

**Volta.**

*Cinco galinhas & mea  
Deue o senhor de Casquais  
E a mea vinho chea  
De appetites pera asmais.*

F I M.

